



LIVROS INDICADOS PARA O
PAS 2009

Cartas Chilenas

Tomás Antônio Gonzaga

www.visaoportal.com.br

CARTAS CHILENAS

Tomás Antônio Gonzaga

ÍNDICE

Prólogo
 Dedicatória
 Carta 1^a
 Carta 2^a
 Carta 3^a
 Carta 4^a
 Carta 5^a
 Carta 6^a
 Carta 7^a
 Carta 8^a
 Carta 9^a
 Carta 10^a
 Carta 11^a
 Carta 12^a
 Carta 13^a
 Epístola a Critilo

PRÓLOGO

Amigo leitor, arribou a certo porto do Brasil, onde eu vivia, um galeão, que vinha das Américas espanholas. Nele se transportava um mancebo, cavalheiro instruído nas humanas letras. Não me foi dificultoso travar com ele uma estreita amizade, e chegou a confiar-me os manuscritos, que trazia. Entre eles encontrei as *Cartas chilenas*, que são um artificioso compêndio das desordens, que fez no seu governo Fanfarrão Minésio, general de Chile.

Logo que li estas *Cartas*, assentei comigo que as devia traduzir na nossa língua, não só porque as julguei merecedoras deste obséquio, pela simplicidade do seu estilo, como, também, pelo benefício que resulta ao público, de se verem satirizadas as insolências deste chefe, para emenda dos mais, que seguem tão vergonhosas pisadas.

Um D. Quixote pode desterrar do mundo as loucuras dos cavaleiros andantes; um Fanfarrão Minésio pode também corrigir a desordem de um governador despótico.

Eu mudei algumas coisas menos interessantes, para as acomodar melhor ao nosso gosto. Peço-te que me desculpes algumas faltas, pois, se és douto, hás de conhecer a suma dificuldade que há na tradução em verso. Lê, diverte-te e não queiras fazer juízos temerários sobre a pessoa de Fanfarrão. Há muitos fanfarrões no mundo, e talvez que tu sejas também um deles, etc.

... *Quid rides? mutato nomine, de te
 Fabula narratur...*

Horat. **Sat. I**, versos 69 e 70.

DEDICATÓRIA AOS GRANDES DE PORTUGAL

Ilmos. e Exmos. senhores,

Apenas concebi a idéia de traduzir na nossa língua e de dar ao prelo as *Cartas Chilenas*, logo assentei comigo que Vv. Exas. haviam de ser os Mecenas a quem as dedicasse. São Vv. Exas. aqueles de quem os nossos soberanos costumam fiar os governos das nossas conquistas: são por isso aqueles a quem se devem consagrar todos os escritos, que os podem conduzir ao fim de um acertado governo.

Dois são os meios por que nos instruímos: um, quando vemos ações gloriosas, que nos despertam o desejo da imitação; outro, quando vemos ações indignas, que nos excitam o seu aborrecimento. Ambos estes meios são eficazes: esta a razão por que os teatros, instituídos para a instrução dos cidadãos, umas vezes nos representam a um herói cheio de virtudes, e outras vezes nos representam a um monstro, coberto de horrorosos vícios.

Entendo que Vv. Exas. se desejarão instruir por um e outro modo. Para se instruírem pelo primeiro, têm Vv. Exas. os louváveis exemplos de seus ilustres progenitores. Para se instruírem pelo segundo, era necessário que eu fosse descobrir o Fanfarrão Minésio, em um reino estranho! Feliz reino e felices grandes que não têm em si um modelo destes!

Peço a Vv. Exas. que recebam e protejam estas *cartas*. Quando não mereçam a sua proteção pela eloquência com que estão escritas, sempre a merecem pela sã doutrina que respiram e pelo louvável fim com que talvez as escreveu o seu autor Critilo.

Beija as mãos

De Vv. Exas.
O seu menor criado...

CARTAS CHILENAS

EM QUE O POETA CRITILLO CONTA A DOROTEU OS FATOS DE FANFARRÃO MINÉSIO,
GOVERNADOR DE CHILE.

CARTA 1ª

*Em que se descreve a entrada que fez
Fanfarrão em Chile.*

Amigo Doroteu, prezado amigo,
Abre os olhos, boceja, estende os braços
E limpa das pestanas carregadas
O pegajoso humor, que o sono ajunta.

- 5 -- Critilo, o teu Critilo é quem te chama;
Ergue a cabeça da engomada fronha,
Acorda, se ouvir queres coisas raras.
“Que coisas (tu dirás), que coisas podes
Contar que valham tanto, quanto vale
- 10 -- Dormir a noite fria em mole cama,
Quando salta a saraiva nos telhados
E quando o sudoeste e outros ventos
Movem dos troncos os frondosos ramos?”
É doce este descanso, não to nego.
- 15 -- Também, prezado amigo, também gosto
De estar amadornado, mal ouvindo
Das águas despenhadas brando estrondo,

- E vendo, ao mesmo tempo, as vãs quimeras,
 Que então me pintam os ligeiros sonhos.
- 20 -- Mas, Doroteu, não sintas que te acorde;
 Não falta tempo em que do sono gozes:
 Então verás leões com pés de pato,
 Verás voarem tigres e camelos,
 Verás parirem homens e nadarem
- 25 -- Os roliços penedos sobre as ondas.
 Porém que têm que ver estes delírios
 Co'os sucessos reais, que vou contar-te?
 Acorda, Doroteu, acorda, acorda;
 Critilo, o teu Critilo é quem te chama:
- 30 -- Levanta o corpo das macias penas;
 Ouvirás, Doroteu, sucessos novos,
 Estranhos casos, que jamais pintaram
 Na idéia do doente, ou de quem dorme,
 Agudas febres, desvairados sonhos.
- 35 -- Não és tu, Doroteu, aquele mesmo
 Que pedes que te diga se é verdade
 O que se conta dos barbados monos
 Que à mesa trazem os fumantes pratos?
 Não desejas saber se há grandes peixes,
- 40 -- Que abraçando os navios com as longas,
 Robustas barbatanas, os suspendem,
 Inda que o vento, que d'alheta sopra,
 Lhes inche os soltos, desrinzados panos?
 Não queres que te informe dos costumes
- 45 -- Dos incultos gentios? Não perguntas
 Se entre eles há nações, que os beiços furam?
 E outras que matam, com piedade falsa,
 Aos pais, que afrouxam ao poder dos anos?
 Pois se queres ouvir notícias velhas
- 50 -- Dispersas por imensos alfarrábios,
 Escuta a história de um moderno chefe,
 Que acaba de reger a nossa Chile,
 Ilustre imitador a Sancho Pança.
 E quem dissera, amigo, que podia
- 55 -- Gerar segundo Sancho a nossa Espanha!

- Não cuides, Doroteu, que vou contar-te
 Por verdadeira história uma novela
 Da classe das patranhas, que nos contam
 Verbosos navegantes, que já deram
- 60 -- Ao globo deste mundo volta inteira.
 Uma velha madraستا me persiga,
 Uma mulher zelosa me atormente,
 E tenha um bando de gatunos filhos,
 Que um chavo não me deixem, se este chefe
- 65 -- Não fez ainda mais do que eu refiro.

Ora pois, doce amigo, vou pintá-lo
 Da sorte que o topei a vez primeira;
 Nem esta digressão motiva tédio
 Como aquelas que são dos fins alheias,
 70 -- Que o gesto, mais o traje nas pessoas
 Faz o mesmo que fazem os letreiros
 Nas frentes enfeitadas dos livrinhos,
 Que dão, do que eles tratam, boa idéia.

Tem pesado semblante, a cor é baça,
 75 -- O corpo de estatura um tanto esbelta,
 Feições compridas e olhadura feia;
 Tem grossas sobrancelhas, testa curta,
 Nariz direito e grande, fala pouco
 Em rouco, baixo som de mau falsete;
 80 -- Sem ser velho, já tem cabelo ruço,
 E cobre este defeito e fria calva
 À força de polvilho, que lhe deita.
 Ainda me parece que o estou vendo
 No gordo rocinante escarranchado!
 85 -- As longas calças pelo umbigo atadas,
 Amarelo colete e sobre tudo
 Vestida uma vermelha e justa farda.
 De cada bolso da fardeta pendem
 Listadas pontas de dois brancos lenços;
 90 -- Na cabeça vazia se atravessa
 Um chapéu desmarcado, nem sei como
 Sustenta o pobre só do laço o peso.
 Ah! tu, Catão severo, tu que estranhas
 O rir-se um cônsul moço, que fizeras
 95 -- Se em Chile agora entrasses e se visses
 Ser o rei dos peraltas quem governa?
 Já lá vai, Doroteu, aquela idade
 Em que os próprios mancebos, que subiam
 À honra do governo, aos outros davam
 100 -- Exemplos de modéstia, até nos trajes.
 Deviam, Doroteu, morrer os povos,
 Apenas os maiores imitaram
 Os rostos e os costumes das mulheres,
 Seguindo as modas e raspando as barbas.

105 -- Os grandes do país, com gesto humilde,
 Lhe fazem, mal o encontram, seu cortejo;
 Ele austero os recebe, só se digna
 Afrouxar do toutiço a mola um nada,
 Ou pôr nas abas do chapéu os dedos.
 110 -- Caminha atrás do chefe um tal Robério,
 Que entre os criados tem respeito de aio:
 Estatura pequena, largo o rosto,
 Delgadas pernas e pançudo ventre,
 Sobejo de ombros, de pescoço falto;

- 115 -- Tem de pisorga as cores, e conserva
 As bufantes bochechas sempre inchadas.
 Bem que já velho seja, inda presume
 De ser aos olhos das madamas grato.
 E o demo lhe encaixou que tinha pernas
- 120 -- Capazes de montar no bom ginete
 Que rincha no Parnaso. Pobre tonto!
 Quem te mete em camisas de onze varas?
 Tu só podes cantar, em coxos versos
 E ao som da má rabeça, com que atroas
- 125 -- Os feitos do teu amo e os seus despachos.

Ao lado de Robério, vem Matúcio,
 Que respira do chefe o modo e o gesto.
 É peralta rapaz de tesas gâmbias,
 Tem cabelo castanho e brancas faces,

- 130 -- Tem um ar de *mylord* e a todos trata
 Como a inúteis bichinhos; só conversa
 Com o rico rendeiro, ou quem lhe conta
 Das moças do país as frescas praças.
 Dos bolsos da casaca dependura
- 135 -- As pontas perfumadas dos lencinhos,
 Que é sinal, ou caráter, que distingue
 Aos serventes das casas dos mais homens,
 Assim como as famílias se conhecem
 Por herdados brasões de antigas armas.

- 140 -- Montado em nédia mula vem um padre
 Que tem de capelão as justas honras.
 Formou-se em Salamanca, é homem sábio.
 Já do mistério do Pilar, um dia,
 Um sermão recitou, que foi um pasmo.
- 145 -- Labregão no feitio e meio idoso,
 Tem olhos encovados, barba tesa,
 Fechadas sobancelhas, rosto fusco,
 Cangalhas no nariz. Ah! quem dissera
 Que num corpo, que tem de nabo a forma,
- 150 -- Haviam pôr os céus tão grande caco!

O resto da família é todo o mesmo,
 Escuso de pintá-lo. Tu bem sabes
 Um rifão que nos diz que dos domingos
 Se tiram muito bem os dias santos.

- 155 -- Ah! pobre Chile, que desgraça esperas!
 Quanto melhor te fora se sentisses
 As pragas, que no Egito se choraram,
 Do que veres que sobe ao teu governo
 Carrancudo casquilho, a quem rodeiam
- 160 -- Os néscios, os marotos e os peraltas!

Seguido, pois, dos grandes entra o chefe

No nosso Santiago, junto à noite.
 À casa me recolho e cheio destas
 Tristíssimas imagens, no discurso
 165 -- Mil coisas feias, sem querer, revolvo.
 Por ver se a dor divirto, vou sentar-me
 Na janela da sala e ao ar levanto
 Os olhos já molhados. Céus, que vejo!
 Não vejo estrelas que, serenas, brilhem,
 170 -- Nem vejo a lua que prateia os mares:
 Vejo um grande cometa, a quem os doutos
 Caudato apelidaram. Este cobre
 A terra toda co' disforme rabo.
 Aflito o coração no peito bate,
 175 -- Erriça-se o cabelo, as pernas tremem,
 O sangue se congela e todo o corpo
 Se cobre de suor. Tal foi o medo.
 Ainda bem o acordo não restauro,
 Quando logo me lembra que este dia
 180 -- É o dia fatal, em que se entende
 Que andam, no mundo, soltos os diabos;
 Não rias, Doroteu, dos meus agouros;
 Os antigos romanos foram sábios,
 Tiveram agoureiros: estes mesmos
 185 -- Muitas vezes choraram, por tomarem
 Os avisos celestes como acasos.

Ajuntavam-se os grandes desta terra,
 À noite, em casa do benigno chefe
 Que o governo largou. Aqui, alegres,
 190 -- Com ele se entretinham largas horas;
 Depostos os melindres da grandeza,
 Fazia a humanidade os seus deveres
 No jogo e na conversa deleitosa.
 A estas horas entra o novo chefe
 195 -- Na casa do recreio e, reparando
 Nos membros do congresso, a testa enruga,
 E vira a cara, como quem se enoja.
 Porque os mais junto dele não se assentem
 Se deixa em pé ficar a noite inteira.
 200 -- Não se assenta, civil, da casa o dono;
 Não se assenta, que é mais, a ilustre esposa;
 Não se assenta, também, um velho bispo,
 E a exemplo destes, o congresso todo.

Pensavas, Doroteu, que um peito nobre,
 205 -- Que teve mestres, que habitou na corte,
 Havia praticar ação tão feia
 Na casa respeitável de um fidalgo,
 Distinto pelo cargo que exercia
 E, mais ainda, pelo sangue herdado?
 210 -- Pois inda, caro amigo, não sabias

Quanto pode a tolice e vã soberba.
 Parece, Doroteu, que algumas vezes,
 A sábia natureza se descuida.
 Devera, doce amigo, sim, devera

215 -- Regular os natais conforme os gênios.

Quem tivesse as virtudes de fidalgo,
 Nascesse de fidalgo, e quem tivesse
 Os vícios de vilão, nascesse embora,
 Se devesse nascer, de algum laçao,

220 -- Como as pombas, que geram fracas pombas,

Como os tigres, que geram tigres bravos.
 Ah ! se isto, Doroteu, assim sucede
 Estava o nosso chefe mesmo ao próprio
 Para nascer sultão do Turco Império,

225 -- Metido entre vidraças, reclinado

Em coxins de veludo e vendo as moças,
 Que de todas as partes o cercavam,
 Coçando-lhe umas, levemente, as pernas
 E as outras abanando-o com toalhas:

230 -- Só assim, Doroteu, o nosso chefe

Ficaria de si um tanto pago.

Chegou-se o dia da funesta posse:
 Mal os grandes se ajuntam, desce a escada
 E, sem mover cabeça, vai meter-se

235 -- Debaixo do lustroso e rico pálio.

Caminham todos juntos para o templo,
 Um salmo se repete, em doce coro,
 A que ele assiste, desta sorte inchado:
 Entesa mais que nunca o seu pescoço,

240 -- Em ar de minuete o pé concerta

E arqueia o braco esquerdo sobre a ilharga.
 Eis aqui, Doroteu, o como param
 Os maus comediantes, quando fingem
 As pessoas dos grandes, nos teatros.

245 -- Acabada a função, à casa volta

(Os grandes o acompanham, descontentes),
 Co'a mesma pompa com que foi ao templo.
 Tu já viste ministro carrancudo
 A quem os tristes pertendentes cercam,

250 -- Quando no régio tribunal se apeia,

Que, bem que humildes em tropel o sigam,
 Não pára, não responde, não corteja?
 Tu já viste o casquilho, quando sobe
 À casa em que se canta e em que se joga,

255 -- Que deixa à porta as bestas e os laçaios,

Sem sequer se lembrar que venta e chove?
 Pois assim nos tratou o nosso chefe;
 Mal à porta chegou do chefe antigo,
 Com ele se recolhe, e até ao mesmo

260 -- Luzido, nobre corpo do Senado

Não fala, não corteja, nem despede.
 Da sorte que o lacaio a sege arruma
 Por não tomar a rua às outras seges,
 Assim os cidadãos o pálio encostam
 265 -- Ao batente da porta, e quais lacaios,
 Na rua, esperam que seu amo desça,
 Ou, a ele ficar, que os mande embora.

À vista desta ação indigna e feia,
 Todo o congresso se confunde e pasma.
 270 -- Sobe às faces de alguns a cor rosada,
 Perdem outros a cor das roxas faces:
 Louva este o proceder do chefe antigo,
 Aquele o proceder do novo estranha,
 E os que podem vencer do gênio a força
 275 -- Aos mais escutam, sem dizer palavra.

São estes, louco chefe, os são exemplos
 Que, na Europa, te dão os homens grandes?
 Os mesmos reis não honram aos vassallos?
 Deixam de ser, por isso, uns bons monarcas?
 280 -- Como errado caminhas! O respeito
 Por meio das virtudes se consegue
 E nelas se sustenta. Nunca nasce
 Do susto e do temor, que aos povos metem
 injúrias, descortijos e carrancas.

285 -- Findou-se, Doroteu, a longa história
 Da entrada deste chefe. Agora vamos,
 Que é tempo, descansar um breve instante.
 Nas outras contarei, prezado amigo,
 Os fatos, que ele obrou no seu governo,
 290 -- Se acaso os justos céus quiserem dar-me.
 Para tanto escrever, papel e tempo.

CARTA 2ª

*Em que se mostra a piedade que Fanfarrão fingiu no princípio do seu governo,
 para chamar a si todos os negócios.*

As brilhantes estrelas já caíam
 E a vez terceira os galos já cantavam,
 Quando, prezado amigo, punha o selo
 Na volumosa carta, em que te conto
 5 -- Do nosso imortal chefe a grande entrada;
 E refletindo, então, ser quase dia,
 A despir-me começo, com tal ânsia,
 Que entendo que inda estava o lacre quente

Quando eu já, sobre os membros fatigados,
10 -- Cuidadoso, estendia a grossa manta.

Não cuides, Doroteu, que brandas penas
Me formam o colchão macio e fofo;
Não cuides que é de paina a minha fronha
E que tenho lençóis de fina holanda,
15 -- Com largas rendas sobre os crespos folhos;
Custosos pavilhões, dourados leitos
E colchas matizadas, não se encontram
Na casa mal provida de um poeta,
Aonde há dias que o rapaz que serve
20 -- Nem na suja cozinha acende o fogo.
Mas, nesta mesma cama, tosca e dura,
Descanso mais contente, do que dorme
Aquele, que só põe o seu cuidado
Em deixar a seus filhos o tesouro
25 -- Que ajunta, Doroteu, com mão avara,
Furtando ao rico e não pagando ao pobre.
Aqui... mas onde vou, prezado amigo?
Deixemos episódios que não servem,
E vamos prosseguindo a nossa história.

30 -- Fui deitar-me ligeiro, como disse,
E mal estendo nos lençóis o corpo,
Dou um sopro na vela, os olhos fecho
E pelos dedos rezo a muitos santos,
Por ver se chega mais depressa o sono,
35 -- Conselho que me deram sábias velhas.
Já, meu bom Doroteu, o sono vinha:
Umhas vezes dormindo, ressonava,
Outras vezes, rezando, inda bulia
Com os devotos beijos, quando sinto
40 -- Passar um carro, que me abala o leito.
Assustado desperto, os olhos abro
E, conhecendo a causa que me acorda,
Um tanto impaciente o corpo viro,
Fecho os olhos de novo e cruzo os braços
45 -- Para ver se outra vez me torna o sono.
Segunda vez o sono já tornava,
Quando o estrondo percebo de outro carro;
Outra vez, Doroteu, o corpo volto,
Outra vez me agasalho, mas que importa?
50 -- Já soam dos soldados grossos berros,
Já tinem as cadeias dos forçados,
Já chamam os guindastes, já me atroam
Os golpes dos machados e martelos
E, ao pé de tanta bulha, já não posso
55 -- Mais esperança ter de algum sossego.

Salto fora da cama, acendo a vela,

À banca vou sentar-me exasperado,
 E, por ver se entretenho as longas horas,
 Aparo a minha pena, o papel dobro
 60 -- E com mão, que ainda treme de cansada,
 Não sei, prezado amigo, o que te escrevo.
 Só sei que o que te escrevo são verdades
 E que vêm muito bem ao nosso caso.

Apenas, Doroteu, o nosso chefe
 65 -- As rédeas manejou, do seu governo,
 Fingir-nos intentou que tinha uma alma
 Amante da virtude. Assim foi Nero.
 Governou aos romanos pelas regras
 Da formosa justiça, porém logo
 70 -- Trocou o cetro de ouro em mão de ferro.
 Manda, pois, aos ministros lhe dêem listas
 De quantos presos as cadeias guardam,
 Faz a muitos soltar e aos mais alenta
 De vivas, bem fundadas esperanças.
 75 -- Estranha ao subalterno, que se arroga
 O poder castigar ao delinqüente
 Com troncos e galés; enfim ordena
 Que aos presos, que em três dias não tiverem
 Assentos declarados, se abram logo
 80 -- Em nome dele, chefe, os seus assentos.

Aquele, Doroteu, que não é santo,
 Mas quer fingir-se santo aos outros homens,
 Pratica muito mais, do que pratica
 Quem segue os sãos caminhos da verdade.
 85 -- Mal se põe nas igrejas, de joelhos,
 Abre os braços em cruz, a terra beija,
 Entorta o seu pescoço, fecha os olhos,
 Faz que chora, suspira, fere o peito,
 E executa outras muitas macaquices
 90 -- Estando em parte onde o mundo as veja.
 Assim o nosso chefe, que procura
 Mostrar-se compassivo, não descansa
 Com estas poucas obras: passa a dar-nos
 Da sua compaixão maiores provas.

95 -- Tu sabes, Doroteu, qual seja o crime
 Dos soldados que furtam aos soldados,
 E sabes muito bem que pena incorram
 Aqueles que viciam ouro e prata.
 Agora, Doroteu, atende o como
 100 -- Castiga o nosso chefe em um sujeito
 Estes graves delitos, que reputa
 Ainda menos do que leves faltas.

Apanha um militar aos camaradas

Do soldo uma porção. Astuto e destro,
 105 -- Para não se sentir o grave furto,
 Mistura nos embrulhos, que lhes deixa,
 Igual quantia de metal diverso.
 Faz-se queixa ao bom chefe deste insulto,
 Sim, faz-se ao chefe queixa, mas de balde,
 110 -- Que este Hércules não cinge a grossa pele,
 Nem traz na mão robusta a forte clava,
 Para guerra fazer ao torpe Caco.

Já leste, Doroteu, a *D. Quixote*?
 Pois eis aqui, amigo, o seu retrato;
 115 -- Mas diverso nos fins, que o doido Mancha
 Forceja por vencer os maus gigantes
 Que ao mundo são molestos, e este chefe
 Forceja por suster, no seu distrito,
 Aqueles que se mostram mais velhacos.
 120 -- Não pune, doce amigo, como deve,
 Das sacrossantas leis a grave ofensa;
 Antes, benigno, manda ao bom Matúcio
 Que, do seu ouro próprio se ressarça
 Aos aflitos roubados toda a perda.
 125 -- Já viste, Doroteu, igual desordem?
 O dinheiro de um chefe, que a lei guarda,
 Acode aos tristes órfãos e às viúvas;
 Acode aos miseráveis, que padecem
 Em duras, rotas camas, e socorre,
 130 -- Para que honradas sejam, as donzelas,
 Porém não paga furtos, por que fiquem
 Impunes os culpados, que se devem,
 Para exemplo, punir com mão severa.

Envia, Doroteu, vizinho chefe
 135 -- Ao nosso grande chefe outro soldado
 Por vários crimes convencido e preso.
 Lança-se o tal soldado, de joelhos
 Aos pés do seu herói, suspira e treme,
 Não nega que ferira e que matara,
 140 -- Mas pede que lhe valha a mão piedosa
 Que tudo pode, que ele aperta e beija.
 Pergunta-lhe o bom chefe se os seus crimes
 Divulgados estão, e o camarada,
 Com semblante já leve, lhe responde
 145 -- Que suas graves culpas foram feitas
 Em sítios mui distantes desta praça.
 Então, então o chefe, compassivo,
 Manda tirar os ferros dos seus braços,
 Dá-lhe um salvo-conduto, com que possa,
 150 -- Contanto que na terra não se saiba,
 fazer impunemente insultos novos.

Caminha, Doroteu, à força um negro,
 Conforme as leis do reino bem julgado.
 Tu sabes, Doroteu, que o próprio Augusto
 155 -- Estas fatais sentenças não revoga
 Sem um justo motivo, em que se firme
 Do seu perdão a causa. Também sabes
 Que estas mesmas mercês se não concedem
 Senão por um decreto, em que se expende
 160 -- Que o sábio rei usou, por motu-próprio,
 Do mais alto poder que vem do cetro.
 Agora, Doroteu, atende e pasma:
 Por um simples despacho, manda o chefe
 Que o triste padecente se recolha.
 165 -- Assenta: vale tanto, lá na corte,
 Um grande — *El-Rei* — impresso, quanto vale
 Em Chile, um — *Como pede* — e o seu garrancho.

Aonde, louco chefe, aonde corres
 Sem tino e sem conselho? Quem te inspira
 170 -- Que remitir as penas é virtude?
 E, ainda a ser virtude, quem te disse
 Que não é das virtudes, que só pode,
 Benigna, exercitar a mão augusta?
 Os chefes, bem que chefes, são vassallos
 175 -- E os vassallos não têm poder supremo.
 O mesmo grande Jove, que modera
 O mar, a terra e o céu, não pode tudo,
 Que ao justo só se estende o seu império.

O povo, Doroteu, é como as moscas
 180 -- Que correm ao lugar, aonde sentem
 O derramado mel; é semelhante
 Aos corvos e aos abutres, que se ajuntam
 Nos ermos, onde fede a carne podre.
 À vista, pois, dos fatos, que executa
 185 -- O nosso grande chefe, decisivos
 Da piedade que finge, a louca gente
 De toda a parte corre a ver se encontra
 Algum pequeno alívio à sombra dele.
 Não viste, Doroteu, quando arrebenta
 190 -- Ao pé de alguma ermida a fonte santa,
 Que a fama logo corre e todo o povo
 Concebe que ela cura as graves queixas?
 Pois desta sorte entende o néscio vulgo
 Que o nosso general lugar-tenente,
 195 -- Em todos os delitos e demandas
 Pode de absolvição lavrar sentenças.
 Não há livre, não há, não há cativo
 Que ao nosso Santiago não concorra.
 Todos buscam ao chefe e todos querem,
 200 -- Para serem bem vistos, revestir-se

Do triste privilégio de mendigos.
 Um as botas descalça, tira as meias
 E põe no duro chão os pés mimosos;
 Outro despe a casaca mais a veste
 205 -- E de vários molambos mal se cobre;
 Este deixa crescer a ruça barba,
 Com palhas de alhos se defuma aquele;
 Qual as pernas emplastra e move o corpo
 Metendo nos sovacos as muletas;
 210 -- Qual ao torto pescoço dependura,
 Despido, o braço que só cobre o lenço;
 Uns, com bordão, apalpam o caminho,
 Outros, um grande bando lhe apresentam
 De sujas moças, a quem chamam filhas.
 215 -- Já foste, Doroteu, a um convento
 De padres franciscanos, quando chegam
 As horas de jantar? Passaste, acaso,
 Por sítio em que morreu mineiro rico,
 Quando da casa sai pomposo enterro?
 220 -- Pois eis aqui, amigo, bem pintada
 A porta, mais a rua deste chefe
 Nos dias de audiência. Oh! quem pudera
 Nestes dias meter-se um breve instante,
 A ver o que ali vai na grande sala!
 225 -- Escusavas de ler os entremezes
 Em que os sábios poetas introduzem,
 Por interlocutores, chefes asnos.
 Um pede, Doroteu, que lhe dispense
 Casar com uma irmã da sua amásia;
 230 -- Pede outro que lhe queime o mau processo,
 Onde está criminoso por ter feito
 Cumprir exatamente um seu despacho;
 Diz este que os herdeiros não lhe entregam
 Os bens, que lhe deixou, em testamento,
 235 -- Um filho de Noé; aquele ralha
 Contra os mortos, juízes, que lhe deram,
 Por empenhos e peitas, a sentença,
 Em que toda a fazenda lhe tiraram:
 Um quer que o devedor lhe pague logo;
 240 -- Outro, para pagar, pertende espera;
 Todos, enfim, concluem que não podem
 Demandas conservar, por serem pobres
 E grandes as despesas, que se fazem
 Nas casas dos letrados e cartórios.
 245 -- Então o grande chefe, sem demora,
 Decide os casos todos que lhe ocorrem,
 Ou sejam de moral, ou de direito,
 Ou pertençam, também, à medicina,
 Sem botar (que ainda é mais) abaixo um livro
 250 -- Da sua sempre virgem livraria.
 Lá vai uma sentença revogada

- Que já pudera ter cabelos brancos;
 Lá se manda que entreguem os ausentes
 Os bens ao sucessor, que não lhes mostra
 255 -- Sentença que lhe julgue a grossa herança.
 A muitos, de palavra, se decreta
 Que em pedir os seus bens não mais prossigam;
 A outros se concedem breves horas
 Para pagarem somas que não devem.
- 260 -- Ah! tu, meu Sancho Pança, tu que foste
 Da Baratária o chefe, não lavraste
 Nem uma só sentença tão discreta!
 E que queres, amigo, que suceda?
 Esperavas, acaso, um bom governo
- 265 -- Do nosso Fanfarrão? Tu não o viste
 Em trajes de casquilho, nessa corte?
 E pode, meu amigo, de um peralta
 Formar-se, de repente, um homem sério?
 Carece, Doroteu, qualquer ministro
- 270 -- Apertados estudos, mil exames,
 E pode ser o chefe onipotente
 Quem não sabe escrever uma só regra
 Onde, ao menos, se encontre um nome certo?
 Ungiu-se, para rei do povo eleito,
- 275 -- A Saul, o mais santo que Deus via.
 Prevaricou Saul, prevaricaram,
 No governo dos povos, outros justos.
 E há de bem governar remotas terras
 Aquele que não deu, em toda vida
- 280 -- Um exemplo de amor à sã virtude?
 As letras, a justiça, a temperança
 Não são, não são morgados que fizesse
 A sábia natureza, para andarem,
 Por sucessão nos filhos dos fidalgos.
- 285 -- Do cavalo andaluz, é, sim, provável
 Nascer, também, um potro de esperança,
 Que tenha frente aberta, largos peitos,
 Que tenha alegres olhos e compridos,
 Que seja, enfim, de mãos e pés calçado;
- 290 -- Porém de um bom ginete também pode
 Um catralvo nascer, nascer um zarco.
 Aquele mesmo potro, que tem todos
 Os formosos sinais que aponta o Rego,
 Carece, Doroteu, correr em roda
- 295 -- Do grande picadeiro muitos meses,
 Para um e outro lado, necessita
 Que o destro picador lhe ponha a sela
 E que, montando nele, pouco a pouco,
 O faça obedecer ao leve toque
- 300 -- Do duro cabeção, da branda rédea.
 Dos mesmos, Doroteu... porém já toca,

Ao almoço a garrida da cadeia:
 Vou ver se dormir posso, enquanto duram
 Estes breves instantes de sossego,
 305 -- Que, sem barriga farta e sem descanso,
 Não se pode escrever tão longa história.

CARTA 3ª

Em que se contam as injustiças e violências que Fanfarrão executou por causa de uma cadeia, a que deu princípio.

Que triste, Doroteu, se pôs a tarde!
 Assopra o vento sul, e densa nuvem
 Os horizontes cobre; a grossa chuva,
 Caindo das biqueiras dos telhados,
 5 -- Forma regatos, que os portais inundam.
 Rompem os ares colubrinas fachas
 De fogo devorante, e ao longe soa
 De compridos trovões o baixo estrondo.
 Agora, Doroteu, ninguém passeia,
 10 -- Todos em casa estão, e todos buscam
 Divertir a tristeza, que nos peitos
 Infunde a tarde, mais que a noite feia.
 O velho Altimidonte, certamente,
 Tem postas nos narizes as cangalhas
 15 -- E, revolvendo os grandes, gordos livros.
 C'os dedos inda sujos de tabaco,
 Ajunta ao mau processo muitas folhas
 De vãs autoridades carregadas.
 O nosso bom Dirceu, talvez que esteja,
 20 -- Com os pés escondidos no capacho,
 Metido no capote, a ler gostoso
 O seu Vergílio, o seu Camões e Tasso.
 O terno Floridoro a estas horas
 No mole espreguiceiro se reclina
 25 -- A ver brincar, alegres, os filhinhos:
 Um já montado na comprida cana
 E outro pendurado no pescoço
 Da mãe formosa, que risonho abraça.
 O gordo Josefino está deitado,
 30 -- Nada lhe importa, nem do mundo sabe:
 Ao som do vento, dos trôvoes e chuva,
 Como em noite tranqüila, dorme e ronca;
 O nosso Damião, enfim, abana
 Ao lento fogo com que, sábio, tira
 35 -- Os úteis sais da terra, e o teu Critilo,
 Que não encontra, aqui, com quem murmure,
 Quando só murmurar lhe pede o gênio,

- Pega na pena e desta sorte voa,
De cá, tão longe, a murmurar contigo.
- 40 -- Já disse, Doroteu, que o nosso chefe,
Apenas principia a governar-nos,
Nos pertende mostrar que tem um peito
Muito mais terno e brando do que pedem
Os severos ofícios do seu cargo.
- 45 -- Agora, cuidarás, prezado amigo,
Que as chaves das cadeias já não abrem,
Comidas da ferrugem? Que as algemas,
Como trastes inúteis, se furtaram?
Que o torpe executor das graves penas
- 50 -- Liberdade ganhou? Que já não temos
Descalços guardiães, que à fonte levem,
Metidos nas correntes, os forçados?
Assim, prezado amigo, assim devia
Em Chile acontecer, se o nosso chefe
- 55 -- Tivesse, em governar, algum sistema.
Mas, meu bom Doroteu, os homens néscios
Às folhas dos olmeiros se comparam:
São como o leve fumo, que se move
Para partes diversas, mal os ventos
- 60 -- Começam a apontar, de partes várias.
Ora, pois, doce amigo, atende o como
No seu contrário vício, degenera
A falsa compaixão do nosso chefe,
Qual o sereno mar, que, num instante,
- 65 -- As ondas sobre as ondas encapela.

- Pertende, Doroteu, o nosso chefe
Erguer uma cadeia majestosa,
Que possa escurecer a velha fama
Da torre de Babel e mais dos grandes,
- 70 -- Custosos edifícios que fizeram,
Para sepulcros seus, os reis do Egito.
Talvez, prezado amigo, que imagine
Que neste monumento se conserve,
Eterna, a sua glória, bem que os povos
- 75 -- Ingratos não consagrem ricos bustos
Nem montadas estátuas ao seu nome.
Desiste, louco chefe, dessa empresa:
Um soberbo edifício levantado
Sobre ossos de inocentes, construído
- 80 -- Com lágrimas dos pobres, nunca serve
De glória ao seu autor, mas, sim, de opróbrio.

- Desenha o nosso chefe, sobre a banca,
Desta forte cadeia o grande risco,
À proporção do gênio e não das forças
- 85 -- Da terra decadente, aonde habita.
Ora, pois, doce amigo, vou pintar-te

Ao menos o formoso frontispício.
 Verás se pede máquina tamanha
 Humilde povoado, aonde os grandes
 90 -- Moram em casas de madeira a pique.

Em cima de espaçosa escadaria
 Se forma do edifício a nobre entrada
 Por dois soberbos arcos dividida;
 Por fora destes arcos se levantam
 95 -- Três jônicas colunas, que se firmam
 Sobre quadradas bases e se adornam
 De lindos capitéis, aonde assenta
 Uma formosa, regular varanda;
 Seus balaústres são das alvas pedras
 100 -- Que brandos ferros cortam sem trabalho.
 Debaixo da cornija, ou projectura,
 Estão as armas deste reino abertas
 No liso centro de vistosa tarja.
 Do meio desta frente sobe a torre
 105 -- E pegam desta frente, para os lados,
 Vistasas galerias de janelas,
 A quem enfeitam as douradas grades.

E sabes, Doroteu, quem edifica
 Esta grande cadeia? Não, não sabes.
 110 -- Pois ouve, que eu to digo: um pobre chefe
 Que na corte habitou em umas casas
 Em que já nem se abriam as janelas.
 E sabes para quem? Também não sabes.
 Pois eu também to digo: para uns negros
 115 -- Que vivem, quando muito, em vis cabanas,
 Fugidos dos senhores, lá nos matos.
 Eis aqui, Doroteu, ao que se pode
 Muito bem aplicar aquela mofa
 Que faz o nosso mestre, quando pinta
 120 -- Um monstro meio peixe e meio dama.
 Na sábia proporção é que consiste
 A boa perfeição das nossas obras.
 Não pede, Doroteu, a pobre aldeia
 Os soberbos palácios, nem a corte
 125 -- Pode, também, sofrer as toscas choças.
 Para haver de suprir o nosso chefe
 Das obras meditadas as despesas,
 Consume do senado os rendimentos
 E passa a maltratar ao triste povo
 130 -- Com estas nunca usadas violências:
 Quer cópia de forçados que trabalhem
 Sem outro algum jornal mais que o sustento,
 E manda a um bom cabo que lhe traga
 A quantos quilombolas se apanharem
 135 -- Em duras gargalheiras. Voa o cabo,

Agarra a um e outro, e num instante
 Enche a cadeia de alentados negros.
 Não se contenta o cabo com trazer-lhe
 Os negros que têm culpas, prende e manda
 140 -- Também, nas grandes levas, os escravos
 Que não têm mais delitos que fugirem
 Às fomes e aos castigos, que padecem
 No poder de senhores desumanos.
 Ao bando dos cativos se acrescentam
 145 -- Muitos pretos já livres e outros homens
 Da raça do país e da européia,
 Que, diz ao grande chefe, são vadios
 Que perturbam dos povos o sossego.

Não há, meu Doroteu, quem não se molde
 150 -- Aos gestos e aos costumes dos maiores.
 Brincando, os inocentes os imitam,
 Se às tropas se exercitam, eles fingem
 As hórridas batalhas. Se se fazem
 Devotas procissões, também carregam
 155 -- Aos ombros os andores e as charolas.
 Os mesmos magistrados se revestem
 Do gênio e das paixões de quem governa.
 Se o rei é piedoso, são benignos
 Os severos ministros, se é tirano,
 160 -- Mostram os pios corações de feras.
 Por isso, Doroteu, um chefe indigno
 É muito e muito mau, porque êle pode
 A virtude estragar de um vasto império.
 Os nossos comandantes, que conhecem
 165 -- A vontade do chefe, também querem
 Imitar deste cabo o ardente zelo.
 Envia para as pedras os vadios
 Que, na forma das ordens, mandar devem
 Habitar em desterro novas terras.
 170 -- Ora, pois, doce amigo, já que falo
 Nos nossos comandantes, será justo
 Que te dê destes bichos uma idéia.

A gente, Doroteu, que não se alista
 Nas tropas regulares forma corpos
 175 -- De bisonha ordenança. Não há terra
 Sem ter um corpo destes. Os seus chefes
 Ao capitão maior estão sujeitos,
 E são os que se chamam comandantes,
 Porque as partes comandam destes terços.
 180 -- Estes famosos chefes, quase sempre
 Da classe dos tendeiros são tirados.
 Alguns, inda depois de grandes homens,
 Se lhe faltam os negros, a quem deixam
 O governo das vendas, não entendem

185 -- Que infamam as bengalas, quando pesam
 A libra de toucinho e quando medem
 O frasco de cachaça. Agora atende,
 Verás que desta escória se levanta
 De magistrados uma nova classe.

190 -- Aos ricos taverneiros, disfarçados
 Em ar de comandantes, manda o chefe
 Que tratem da polícia e que não deixem
 Viver, nos seus distritos, as pessoas
 Que forem revoltosas. Quer que façam

195 -- A todos os vadios uns sumários
 E que, sem mais processos, os remetam
 Para remotas partes, sem que destas
 Jurídicas sentenças, se faculte
 Algum recurso para mor alçada.

200 -- Já viste, Doroteu, um tal desmando?
 As santas leis do reino não concedem
 Ao magistrado régio que execute,
 No crime o seu julgado, e o nosso chefe
 Quer que dêem as sentenças sem apelo

205 -- Incultos comandantes, que nem sabem
 Fazer um bom diário do que vendem!
 Concedo, caro amigo, que estes homens
 São uns grandes consultos, que meteram
 Os corpos do direito nos seus cascos.

210 -- Ainda assim pergunto: e como pode
 O chefe conceder-lhes esta alçada?
 Ignora a lei do reino, que numera
 Entre os direitos próprios dos augustos
 A criação dos novos magistrados?

215 -- O grande Salomão lamenta o povo
 Que sobre o trono tem um rei menino;
 Eu lamento a conquista, a quem governa
 Um chefe tão soberbo e tão estulto
 Que, tendo já na testa brancas repas,

220 -- Não sabe ainda que nasceu vassalo.

Os néscios comandantes e o bom cabo,
 Que fez o nosso herói geral meirinho,
 Remetem, nas correntes, povo imenso.
 Parece, Doroteu, que temos guerras;

225 -- Que, para recrutar as companhias,
 De toda a parte vêm chorosas levas.
 Aqui, prezado amigo, principia
 Esta triste tragédia; sim, prepara,
 Prepara o branco lenço, pois não podes

230 -- Ouvir o resto, sem banhar o rosto
 Com grossos rios de salgado pranto.
 Nas levas, Doroteu, não vêm somente

Os culpados vadios; vem aquele
 Que a dívida pediu ao comandante;
 235 -- Vem aquele que pôs impuros olhos
 Na sua mocetona, e vem o pobre
 Que não quis emprestar-lhe algum negrinho,
 Para lhe ir trabalhar na roça e lavra.

Estes tristes, mal chegam, são julgados
 240 -- Pelo benigno chefe a cem açoites.
 Tu sabes, Doroteu, que as leis do reino
 Só mandam que se açoitem com a sola
 Aqueles agressores, que estiverem,
 Nos crimes, quase iguais aos réus de morte.

245 -- Tu também não ignoras que os açoites
 Só se dão, por desprezo, nas espáduas,
 Que açoitar, Doroteu, em outra parte
 Só pertence aos senhores, quando punem
 Os caseiros delitos dos escravos.

250 -- Pois todo este direito se pretere:
 No pelourinho a escada já se assenta,
 Já se ligam dos réus os pés e os braços,
 Já se descem calções e se levantam
 Das imundas camisas rotas fraldas,

255 -- Já pegam dois verdugos nos zorragues,
 Já descarregam golpes desumanos,
 Já soam os gemidos e respingam
 Miúdas gotas de pisado sangue.

Uns gritam que são livres, outros clamam
 260 -- Que as sábias leis do rei os julgam brancos.
 Este diz que não tem algum delito
 Que tal rigor mereça, aquele pede
 Do justo acusador, ao céu, vingança.
 Não afrouxam os braços os verdugos,

265 -- Mas, antes, com tais queixas, se duplica
 A raiva nos tiranos, qual o fogo
 Que aos assopros dos ventos ergue a chama.
 Às vezes, Doroteu, se perde a conta
 Dos cem açoites, que no meio estava,

270 -- Mas outra nova conta se começa.
 Os pobres miseráveis já nem gritam:
 Cansados de gritar, apenas soltam
 Alguns fracos suspiros, que enternecem.
 Que é isso, Doroteu, tu já retiras

275 -- Os olhos do papel? Tu já desmaias?
 Já sentes as moções, que alheios males
 Costumam infundir nas almas ternas?
 Pois és, prezado amigo, muito fraco,
 Aprende a ter o valor do nosso chefe,

280 -- Que à janela se pôs e a tudo assiste
 Sem voltar o semblante para a ilharga.
 E pode ser, amigo, que não tenha

Esforço, para ver correr o sangue,
Que em defesa do trono se derrama.

- 285 -- Aos pobres açoitados manda o chefe
Que, presos nas correntes dos forçados,
Vão juntos trabalhar. Então se entregam
Ao famoso tenente, que os governa
Como sábio inspetor das grandes obras.
290 -- Aqui, prezado amigo, principiam
Os seus duros trabalhos. Eu quisera
Contar-te o que eles sofrem, nesta carta,
Mas tu, prezado amigo, tens o peito,
Dos males que já leste, magoado,
295 -- Por isto é justo que suspenda a história
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

CARTA 4ª

Em que se continua a mesma matéria.

- Maldito, Doroteu, maldito seja
O vício de um poeta, que, tomando
Entre dentes alguém, enquanto encontra
Matéria em que discorra, não descansa.
5 -- Agora, Doroteu, mandou dizer-me
O nosso amigo Alceu que me embrulhasse
No pardo casacão, ou no capote
E que, pondo o casquete na cabeça,
Fosse ao sítio Covão, jantar com ele.
10 -- Eu bem sei, Doroteu, que tinha sopa
Com ave e com presunto, sei que tinha
De mamota vitela um gordo quarto,
Que tinha fricassé, que tinha massas,
Bom vinho de Canárias, finos doces
15 -- E de mimosas frutas muitos pratos.
Porém que importa, amigo, perdi tudo
Só para te escrever mais uma carta.

- Maldito, Doroteu, maldito seja
O vício de um poeta, pois o priva
20 -- De encher o seu bandulho, pelo gosto
De fazer quatro versos, que bem podem
Ganhar-lhe uma maçada, que só serve
De dano ao corpo, sem proveito d'alma.
A carta, Doroteu, a longa carta
25 -- Que descreve a cadeia, finaliza
No ponto de que os presos se remetem
Ao severo tenente, que preside,
Como sábio inspetor, às grandes obras.

Agora prossigamos nesta história

30 -- E demos-lhe o princípio, por tirarmos
Ao famoso inspetor, ao grão-tenente,
Com cores delicadas, uma cópia.

É de marca maior que a mediana,
Mas não passa a gigante: tem uns ombros

35 -- Que o pescoço algum tanto lhe sufocam.
O seu cachaço é gordo, o ventre inchado,
A cara circular, os olhos fundos,
De gênio soberbão, grosseiro trato,
Assopra de contínuo e fala muito.

40 -- Preza-se de fidalgo e não se lembra
Que seu pai foi um pobre, que vivia
De cobrar dos contratos os dinheiros,
De que ficou devendo grandes somas,
Sinal de que ele foi um bom velhaco.

45 -- O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas:
Era um triste pingante, que só tinha
O seu pequeno soldo; agora veio
Para inspetor das obras e já ronca,
Já empresta dinheiros, já tem casas,

50 -- Já tem trastes de custo e ricos móveis;
Mas logo, Doroteu, verás o como.

Mal o duro inspetor recebe os presos,
Vão todos para as obras; alguns abrem
Os fundos alicerces, outros quebram,

55 -- Com ferros e com fogo, as pedras grossas.
Aqui, prezado amigo, não se atende
Às forças nem aos anos. Mão robusta
De atrevido soldado move o relho,
Que a todos, igualmente, faz ligeiros.

60 -- Aqui se não concede de descanso
Aquele mesmo dia, o grande dia
Em que Deus descansou e em que nos manda
Façamos obras santas, sem que demos
Aos jumentos e bois algum trabalho.

65 -- Tu sabes, Doroteu, que um tal serviço
Por uma civil morte se reputa.
Que peito, Doroteu, que duro peito
Não deve ter um chefe, que atormenta
A tantos inocentes por capricho?

70 -- Que se arrisque o vassalo na campanha,
É uma digna ação que a pátria exige,
Nem este grande risco nos estraga
O pundonor, que vale mais que a vida;
Antes nos abre as portas, para entrarmos

75 -- Nos templos do heroísmo. Sim, nós temos,
Nós temos mil exemplos. Muitos, muitos
Que, há séculos, morreram pela pátria,

Na memória dos homens inda vivem.
 Mas arriscar vassalos inocentes
 80 -- Às pedras que se soltam dos guindastes
 E aos montes de piçarra, que desabam
 Nos fundos alicerces, sem vencerem,
 Nem como jornaleiros têmue paga;
 Pô-los, ainda em cima, na figura
 85 -- Dos indignos vassalos, que se julgam
 Em pena dos delitos, como escravos,
 Isto só para erguer-se uma obra grande,
 Que outra, pequena, supre, é mais que injusto:
 É uma das ações que só praticam
 90 -- Aqueles torpes monstros, que nasceram
 Para serem, na terra, o mal de muitos.

Dirás tu, Doroteu, que o nosso chefe
 Não quer que os inocentes se maltratem;
 Que o fero comandante é quem abusa
 95 -- Dos poderes que tem. Prezado amigo,
 Quem ama a sã verdade busca os meios
 De a poder descobrir, e o nosso chefe
 Despreza os meios de poder achá-la.
 Qu' é deles, os processos, que nos mostram
 100 -- A certeza dos crimes? Quais dos presos
 Os libelos das culpas contestaram?
 Quais foram os juízes, que inquiriram
 Por parte da defesa e quais patronos
 Disseram, de direito, sobre os fatos?
 105 -- A santa lei do reino não consente
 Punir-se, Doroteu, aquele monstro
 Que é réu de majestade, sem defesa.
 E podem ser punidos os vassalos
 Por aéreos insultos, sem se ouvirem
 110 -- E sem outro processo mais que o dito
 De um simples comandante, vil e néscio?
 Um louco, Doroteu, faz mais, ainda,
 Do que nunca fizeram os monarcas:
 Faz mais que o próprio Deus, que Deus, querendo
 115 -- Punir, em nossos pais, a culpa grave,
 Primeiro lhes pediu que lhe dissessem,
 Qual foi do seu delito a torpe causa.

Passam, prezado amigo, de quinhentos
 Os presos que se ajuntam na cadeia.
 120 -- Uns dormem encolhidos sobre a terra,
 Mal cobertos dos trapos, que molharam
 De dia, no trabalho. Os outros ficam
 Ainda mal sentados, e descansam
 As pesadas cabeças sobre os braços,
 125 -- Em cima dos joelhos encruzados.
 O calor da estação e os maus vapores

Que tantos corpos lançam, mui bem podem
 Empestar, Doroteu, extensos ares.
 A pálida doença aqui bafeja,
 130 -- Batendo brandamente as negras asas.
 Aquele, Doroteu, a quem penetra
 Este hálito mortal, as forças perde,
 Tem dores de cabeça e, num instante,
 Abrasa-se em calor, de frio treme.
 135 -- Fazem os seus deveres os afetos
 Do nosso grão-tenente: amor e ódio.
 Aquele que, risonho, lhe trabalha
 Nas suas próprias obras, é mandado
 Curar-se à Santa Casa, como pobre.
 140 -- Os outros são tratados como servos,
 Que fogem ao trabalho dos senhores:
 Para as correntes vão, arrancam pedra
 E, quando algum fraqueia, o mau soldado
 Dá-lhe um berro que atroa, a mão levanta
 145 -- E, nas costas, o relho descarrega.

Ah! tu, piedade santa, agora, agora,
 Os teus ouvidos tapa e fecha os olhos,
 Ou fuge desta terra, aonde um Nero,
 Aonde os seus sequazes, cada dia
 150 -- Para o pranto te dão motivos novos.

O fogo, Doroteu, que vai moendo,
 Depois de bem moer, a chama ateia
 E a matéria consome, em breve instante.
 Assim a podre febre corroendo
 155 -- Aos míseros enfermos, pouco a pouco
 Erguendo, qual o fogo, a lavareda,
 À força do cansaço que resulta
 Do trabalho e do sol, consome e mata.
 Uns caem, com os pesos que carregam
 160 -- E das obras os tiram pios braços
 Dos tristes companheiros; outros ficam
 Ali mesmo, nas obras, estirados.
 Acodem mãos piedosas: qual trabalha
 Por ver se pode abrir as grossas pegas
 165 -- E qual o copo d'água lhes ministra,
 Que, fechados os dentes, já não bebem.
 Uns as caras borrifam, outros tomam
 Os débeis pulsos que, parando, fogem.
 Ah! não mais compaixão! Não mais desvelo!
 170 -- O socorro chegou, mas foi mui tarde:
 Cobrem-se os membros de um suor já frio,
 Os cheios peitos, arquejando, roncavam
 E vertem umas lágrimas sentidas,
 Que só lhes descem dos esquerdos olhos;
 175 -- Amarela-se a cor, baceia a vista,

O semblante se afila, o queixo afrouxa,
 Os gestos e os arrancos se suspendem;
 Nenhum mais bole, nenhum mais respira.
 Assim, meu Doroteu, sem um remédio,
 180 -- Sem fazerem despesa em um só caldo,
 Sem sábio diretor, sem sacramentos,
 Sem a vela na mão, na dura terra
 Estes pobres acabam seus trabalhos.
 Que esperas, duro chefe, que não contas
 185 -- À corte os teus triunfos! Tu não podes
 Mandar alqueires dos anéis tirados
 Dos dedos que cortaste nas campanhas;
 Mas de algemas, de pegas e correntes,
 Podes mandar à corte imensos carros.
 190 -- Tu podes... mas, amigo, não gastemos
 Todo o tempo em contar sentidas coisas,
 Façamos menos triste a nossa história;
 Misturemos os casos, que magoam,
 Com sucessos, que sejam menos fortes.

195 -- Não bastam, Doroteu, galés imensas,
 São outros mais socorros necessários
 Para crescerem as soberbas obras.
 Ordena o grande chefe, que os roceiros
 E outros quaisquer homens, que tiverem
 200 -- Alguns bois de serviço, prontos mandem
 Os bois e mais os negros que os governem,
 Durante uma semana de trabalho.
 Ordena ainda mais que, neste tempo,
 Não recebam jornal, antes, que tragam
 205 -- O milho, para os bois, dos seus celeiros.
 Que é isto, Doroteu, abriste a boca?
 Ficaste embasbacado? Não supunhas
 Que o nosso grande chefe se saísse
 Com uma tão formosa providência?

210 -- Nisto de economia é ele o mestre;
 Está para compor uma obra, aonde
 Quer o modo ensinar, de não gastarem
 As tropas coisa alguma, no sustento.
 Deus o deixe viver, até que chegue
 215 -- A pô-la, Doroteu, no mesmo estado
 Em que estão os volumes, onde existem
 Os despachos, que deu, no seu governo.
 Ora, ouve ainda mais, atende e pasma.
 Para se sustentarem os forçados

220 -- Os gêneros se compram, com bilhetes
 Que paga o tesoureiro, quando pode;
 E sobre esta fiança inda se tomam
 Por muito menos preço do que correm.
 As tropas, que carregam mantimentos.
 225 -- Apenas descarregam, vão, de graça,

À distante caieira, com soldados
 Buscar queimada pedra. Daqui nasce
 Os tropeiros fugirem e chorarmos
 A grande carestia do sustento.

230 -- Responde, louco chefe, se tu podes
 Tais violências fazer. Não era menos
 Lançares sobre os povos um tributo?
 Os homens que têm carros e os que vivem
 De viveres venderem são, acaso,

235 -- Aos mais inferiores nos direitos?
 Esta cadeia é sua, porque deva
 Sobre eles carregar tamanho peso?
 E o povo, quando compra tudo caro,
 Não paga ainda mais do que pagara,

240 -- Se um módico tributo se lançasse,
 À proporção dos bens de cada membro?
 Amigo Doroteu, quem rege os povos
 Deve ler, de contínuo, os douts livros
 E deve só tratar com sábios homens.

245 -- Aquele que consome as largas horas
 Em falar com os néscios e peraltas,
 Em meter entre as pernas os perfumes,
 Em concertar as pontas dos lencinhos,
 Não nasceu para as coisas que são grandes,

250 -- Que, nestas bagatelas, não consomem
 O tempo proveitoso as nobres almas.

Quem não quer, Doroteu, mandar o carro,
 Co' o famoso tenente se concerta.
 Onde vai tal dinheiro ninguém sabe;

255 -- Só sabemos mui bem que o bom tenente,
 Sem ter outro negócio, que lhe renda,
 De pingante, passou a potentado.
 Sabemos também mais... porém, amigo,
 O falar nestas coisas já me enfada.

260 -- Omito outros sucessos, que lastimo,
 E fecho, Doroteu, a minha carta,
 Com um maravilhoso, estranho caso.

Distante nove léguas desta terra
 Há uma grande ermida, que se chama

265 -- Senhor de Matozinhos; este templo
 Os devotos fiéis a si convoca
 Por sua arquitetura, pelo sítio
 E, ainda muito mais, pelos prodígios
 Com que Deus enobrece a santa imagem.

270 -- Este famoso templo tem um carro,
 Comprado com esmolas, que carrega
 As pedras e madeiras, que ainda faltam.
 O comandante austero notifica
 A veneranda imagem, na pessoa

- 275 -- Do zeloso ermitão, para que mande
 O carro, com os bois, servir nas obras,
 Mal lhe couber o turno da semana.
 Faz-se uma petição ao nosso chefe
 Em nome do Senhor, em que se alega
- 280 -- Que o carro, que Ele tem, se ocupa ainda
 Na pia construção da sua casa;
 Que ele, Cristo, não tem nenhuma renda
 Senão esmolas tênues, que só devem
 Gastar-se no seu templo e no seu culto,
- 285 -- Conforme as intenções de quem as pede.
 Apenas viu o chefe o peditório,
 Quis ao Cristo mandar, que lhe ajuntasse
 O título que tinha, porque estava
 Isento de pagar os seus impostos:
- 290 -- Que ele sabe mui bem que o mesmo Cristo
 Mandou ao velho Pedro que pagasse
 A César os tributos em seu nome;
 E Cristo, figurado em uma imagem,
 Não tem mais isenções que teve o próprio.
- 295 -- Pegava o seu Matúsio já na pena,
 Quando lembra ao bom chefe o que decretam
 Os cânones da igreja, que concedem
 Que, para se fazerem obras pias,
 Até os sacros vasos se alienem.
- 300 -- Infere daqui logo que este carro
 Não goza de isenção, porque, suposto
 Se possa numerar nos bens da igreja,
 Conforme as Decretais até podia,
 Neste caso, vender-se, por ser obra
- 305 -- Mais pia do que todas, a cadeia.
 Lança mão ele mesmo, então, da pena
 E põe na petição um -- *escusado* --
 Com uns rabiscos tais, que ninguém sabe
 Ao menos conhecer-lhe uma só letra.
- 310 -- Agora dirá tu: "Meu bom Critilo,
 Não se isentar a Cristo desse imposto
 Foi um grande tesão, mas necessário,
 Por não se abrir a porta a maus exemplos.
 Antes o Santo Cristo é que devia
- 315 -- Mandar o carro logo, como Mestre
 Da sublime Virtude e, desta sorte,
 Obrou o mesmo Cristo, em outro tempo,
 Mandando que pagasse Pedro a César
 O tributo, por ele, quando estava,
- 320 -- Por um dos filhos ser mui bem isento.
 Mas se esse Santo Cristo não podia
 Por dias dispensar os bois e carro,
 Porque não se valeu do tal Matúsio,
 Do poeta Robério e de outros trastes,
- 325 -- Por quem aqui se conta que pratica

O grande Fanfarrão os seus milagres?"
 Tu instas, Doroteu, qual o mestraço
 Quando, por defender a sua escola,
 Arregaçando o braço, o pé batendo
 330 -- E enchendo as cordoveias, grita e ralha.
 Mas eu, prezado amigo, com bem pouco
 Te boto esse argumento todo abaixo.
 Em primeiro lugar, o Santo Cristo
 É homem muito sério, e por ser sério,
 335 -- Não tem com essa gente um leve trato;
 Em segundo lugar, é muito pobre,
 Só dá aos seus devotos indulgências
 Com anos de perdão e, destas drogas,
 Não fazem tais validos nenhum caso.

340 -- Ora pois, louco chefe, vai seguindo
 A tua pertensão, trabalha embora
 Por fazer imortal a tua fama.
 Levanta um edifício em tudo grande,
 Um soberbo edifício, que desperte
 345 -- A dura emulação na própria Roma.
 Em cima das janelas e das portas
 Põe sábias inscrições, põe grandes bustos,
 Que eu lhes porei, por baixo, os tristes nomes
 Dos pobres inocentes, que gereram
 350 -- Ao peso dos grilhões, porei os ossos
 Daqueles que os seus dias acabaram,
 Sem Cristo e sem remédios, no trabalho.
 E nós, indigno chefe, e nós veremos
 A quais destes padrões não gasta o tempo.

CARTA 5ª

*Em que se contam as desordens feitas nas festas que se celebraram nos
 desposórios do nosso sereníssimo infante com a sereníssima infanta de Portugal.*

Tu já tens, Doroteu, ouvido histórias
 Que podem comover a triste pranto .
 Os secos olhos dos cruéis Ulisses.
 Agora, Doroteu, enxuga o rosto,
 5 -- Que eu passo a relatar-te coisas lindas.
 Ouvirás uns sucessos, que te obriguem
 A soltar gargalhadas descompostas,
 Por mais que a boca, com a mão, apertes,
 Por mais que os beiços, já convulsos, mordas.
 10 -- Eu creio, Doroteu... Porém aonde
 Me leva, tão errado, o meu discurso?
 Não esperes, amigo, não esperes,

Por mais galantes casos que te conte,
Mostrar no teu semblante um ar de riso.

- 15 -- Os grandes desconcertos, que executam
Os homens que governam, só motivam,
Na pessoa composta, horror e tédio.
Quem pode, Doroteu, zombar, contente,
Do César dos romanos, que gastava
- 20 -- As horas em caçar imundas moscas?
Apenas isto lemos, o discurso
Se aflige, na certeza de que um César,
De espíritos tão baixos, não podia
Obrar um fato bom, no seu governo.
- 25 -- Não esperes, amigo, não esperes
Mostrar no teu semblante um ar de riso;
Espera, quando muito, ler meus versos,
Sem que molhe o papel amargo pranto,
Sem que rompa a leitura alguns suspiros.

- 30 -- Chegou à nossa Chile a doce nova
De que real infante recebera,
Bem digna de seu leito, casta esposa.
Reveste-se o baxá de um gênio alegre
E, para bem fartar os seus desejos,
- 35 -- Quer que, a despesas do senado e povo,
Arda em grandes festins a terra toda.
Escreve-se ao senado extensa carta
Em ar de majestade, em frase moura,
E nela se lhe ordena que prepare,
- 40 -- Ao gosto das Espanhas, bravos touros;
Ordena-se, também que, nos teatros,
Os três mais belos dramas se estropiem
Repetidos por bocas de mulatos;
Não esquecem, enfim, as cavalhadas.
- 45 -- Só fica, Doroteu, no livre-arbítrio
Dos pobres camaristas, repartirem
Bilhetes de convites, pelas damas.

Amigo Doroteu, ah! tu não podes
Pesar o desconcerto desta carta,

- 50 -- Enquanto não souberes a lei própria
Que aos festejos reais prescreve a norma.

Enquanto, Doroteu, a nossa Chile
Em toda parte tinha, à flor da terra,
Extensas e abundantes minas de ouro;

- 55 -- Enquanto os taberneiros ajuntavam
Imenso cabedal, em poucos anos,
Sem terem, nas tabernas fedorentas,
Outros mais sortimentos, que não fossem
Os queijos, a cachaça, o negro fumo
- 60 -- E sobre as prateleiras poucos frascos;

Enquanto, enfim, as negras quitandeiras,
 À custa dos amigos, sô trajavam
 Vermelhas capas de galões cobertas,
 De galacés e tissos ricas saias,

65 -- Então, prezado amigo, em qualquer festa
 Tirava, liberal, o bom senado,
 Dos cofres chapeados, grossas barras.
 Chegaram tais despesas à notícia
 Do rei prudente, que a virtude preza.

70 -- E, vendo que estas rendas se gastavam
 Em touros, cavahadas e comédias,
 Aplicar-se podendo a coisas santas,
 Ordena, providente, que os senados,
 Nos dias em que devem mostrar gosto

75 -- Pelas reais fortunas, se moderem
 E só façam cantar, no templo, os hinos
 Com que se dão aos céus as justas graças.

Ah! meu bom Doroteu, que feliz fora
 Esta vasta conquista, se os seus chefes

80 -- Com as leis dos monarcas se ajustaram!
 Mas alguns não presumem ser vassalos,
 Só julgam que os decretos dos augustos
 Têm força de decretos, quando ligam
 Os braços dos mais homens, que eles mandam,

85 -- Mas nunca quando ligam os seus braços.

Com esta sábia lei replica o corpo
 Dos pobres senadores e pondera
 Que o severo juiz, que as contas toma,
 Lhes não há de aprovar tão grandes gastos.

90 -- Da sorte, Doroteu, que o bravo potro,
 Quando a sela recebe a vez primeira.
 Enquanto não sacode a sela fora
 E faz em dois pedaços cilha e rédea,
 Mete entre os duros braços a cabeça

95 -- E dá, saltando aos ares, mil corcovos,
 Assim o irado chefe não atura
 O freio desta lei, espuma, brama,
 Arrepela o cabelo, a barba torce
 E, enquanto entende que o senado zela

100 -- Mais as leis que o seu gosto, não descansa.

Aos tristes senadores não responde,
 Mas manda-lhes dizer que, a não fazerem
 Os pomposos festejos, se preparem
 Para serem os guardas dos forçados,

105 -- Trocando as varas em chicote e relho.
 Já viste, Doroteu, que o grande chefe,
 O defensor das leis, o mesmo seja
 Que insulte, que ameace ao bom vassalo

Que intenta obedecer ao seu monarca?

110 -- Pois ainda, Doroteu, não viste nada.
Um monstro, um monstro destes não conhece
Que exista algum maior que, ousado, possa
Ou na terra ou no céu, tomar-lhe conta.
Infeliz, Doroteu, de quem habita

115 -- Conquistas do seu dono tão remotas!
Aqui o povo geme, e os seus gemidos
Não podem, Doroteu, chegar ao trono.
E se chegam, sucede quase sempre
O mesmo que sucede nas tormentas,

120 -- Aonde o leve barco se soçobra
Aonde a grande nau resiste ao vento.

Que peito, Doroteu, que peito pode
Constante, persistir nos são projetos,
Ouvindo as ameaças do tirano

125 -- E, junto já de si, o som dos ferros!
Somente, Doroteu, os homens santos
Que a sua lei defendem, vêem os potros,
Vêem cruces, cadafalsos e cutelos
Com rosto sossegado; os outros homens

130 -- Não podem, Doroteu, não podem tanto.

À força de temor, o bom senado
Constância já não tem; afrouxa e cede.
Somente se disputa sobre o modo

De ajuntar-se o dinheiro, com que possa
135 -- Suprir tamanho gasto o grande Alberga.
Uns dizem que, das rendas do senado,
Tiradas as despesas, nada sobra.
Os outros acrescentam que se devem
Parcelas numerosas, impagáveis

140 -- Às consternadas amas dos expostos.
Uns ralham, outros ralham, mas que importa?
Todos arbítrios dão, nenhum acerta.
Então o grande Alberga, que preside,
Vendo esta confusão, na mesma bate

145 -- E, levantando a voz, pausada e forte,
A importante questão assim decide:
"Há dinheiro, senhores, há dinheiro;
Vendam-se os castiçais, tinteiro e bancos,
Venda-se o próprio pano e mesa velha,

150 -- Quando isto não baste, há bom remédio,
As fazendas se tomem, não se paguem
E, para autorizardes esta indústria,
Eu vos dou, cidadãos, o meu exemplo."

Intentam replicar-lhe os camaristas,

155 -- A tão baixos calotes nunca afeitos.
Mas ele, que não sofre mais instâncias,

As grossas sobancelhas arqueando,
 Desta sorte prossegue, em tom azedo:
 “Se os meus santos conselhos se desprezam,
 160 -- Depressa vou dar parte ao nosso chefe.
 Ah! pobres cidadãos, se assim o faço!
 Já se me representa que vos sinto
 Gemer, debaixo dos pesados ferros.”
 Só tu, maroto Alberga, só tu podes
 165 -- Desta sorte falar aos teus colegas!
 Que importa que os acuses e que importa
 Que os prenda, com grilhões, o duro chefe?
 São ferros estes, ferros muito honrados,
 Que a honra só consiste na inocência.

170 -- Apenas, Doroteu, o vil Alberga
 Fala em queixa fazer ao “nosso chefe”
 De susto os camaristas nem respiram,
 Quais chorosos meninos, que emudecem
 Quando as amas lhes dizem: Cala, cala,
 175 -- Que la vem o tatu que papa a gente.

Mandam-se apregoar as grandes festas,
 Acompanha ao pregão luzida tropa
 De velhos senadores. Estes trajam,
 Ao modo cortesão, chapéus de plumas,
 180 -- Capas com bandas de vistosas sedas.

Chega enfim o dia suspirado,
 O dia do festejo. Todos correm
 Com rostos de alegria ao santo templo;
 Celebra o velho bispo a grande missa;
 185 -- Porém o sábio chefe não lhe assiste
 Debaixo do espaldar, ao lado esquerdo:
 Para a tribuna sobe e ali se assenta.
 Uns dizem, Doroteu, fugiu, prudente,
 Por não ver assentados os padrecos
 190 -- Na capela maior, acima dele.
 Os outros sabichões, que a causa indagam,
 Discorrem que o senado lhe devia
 Erguer, no presbitério, dossel branco,
 Em honra dele ser lugar-tenente.
 195 -- Mas eu com estes votos não concordo,
 E julgo, afoito, que a razão foi esta:
 Porque estando patente e tendo posto
 O seu chapéu em cima da cadeira,
 Pudera duvidar-se se devia
 200 -- O bispo ter a mitra na cabeça.

Acaba-se a função, e o nosso chefe
 À casa, com o bispo, se recolhe.
 A nobreza da terra os acompanha

Até que montam a dourada sege.

- 205 -- Aqui, meu Doroteu, o chefe mostra
 O seu desembaraço e o seu talento!
 Só numa função destas se conhece
 Quem tem andado terras, onde habitam,
 Despidas dos abusos, sábias gentes!
- 210 -- Vai passando por todos, sem que abaixe
 A emproada cabeça, qual mandante
 Que passa pelo meio das fileiras.
 Chega junto da sege, à sege sobe
 E da parte direita toma assento.
- 215 -- O bispo, o velho bispo atrás caminha,
 Em ar de quem se teme da desfeita.
 Com passos vagarosos chega à sege.
 Encaixa na estribeira o pé cansado
 E duas vezes por subir forceja.
- 220 -- Acodem alguns padres respeitosos
 E, por baixo dos braços, o sustentam.
 Então, com mais alento, o corpo move,
 Dá o terceiro arranco, o salto vence
 E, sem poder soltar uma palavra,
- 225 -- Ora vermelho ora amarelo fica,
 Do nosso Fanfarrão ao lado esquerdo.
 Agora dirás tu: "Que bruto é esse?
 Pode haver um tal homem, que se atreva
 A pôr na sua sege ao seu prelado
- 230 -- Da parte da boléia? Eu tal não creio."
 Amigo Doroteu, estás mui ginja,
 Já lá vão os rançosos formulários
 Que guardavam à risca os nossos velhos.
 Em outro tempo, amigo, os homens sérios
- 235 -- Na rua não andavam sem florete;
 Traziam cabeleira grande e branca.
 Nas mãos os seus chapéus. Agora, amigo,
 Os nossos próprios becas têm cabelo.
 Os grandes sem florete vão à missa.
- 240 -- Com a chibata na mão, chapéu fincado,
 Na forma em que passeiam os caixeiros.
 Ninguém antigamente se sentava
 Senão direito e grave; nas cadeiras,
 Agora as mesmas damas atravessam
- 245 -- As pernas sobre as pernas. Noutra tempo
 Ninguém se retirava dos amigos,
 Sem que dissesse adeus. Agora é moda
 Sairmos dos congressos em segredo.
 Pois corre, Doroteu, à paridade,
- 250 -- Que os costumes se mudam com os tempos.
 Se os antigos fidalgos sempre davam
 O seu direito lado a qualquer padre,
 Acabou-se esta moda: o nosso chefe
 Vindica os seus direitos. Vê que o bispo

255 -- É um grande que foi, há pouco, frade
 E não pode ombrear com quem descende
 De um bravo patagão que, sem disputa,
 Lá nos tempos de Adão já era grande.

Na tarde, Doroteu, do mesmo dia
 260 -- Sai uma procissão, de poucos negros
 E padres revestidos só composta,
 Que os brancos e os mulatos se ocupavam
 Em guarnecer as ruas, pois que todos
 Ocupados estão nas régias tropas.

265 -- Caminha o nosso chefe, todo Adônis,
 Diante da bandeira do senado;
 Alguns dos rigoristas não lho aprovam,
 Dizendo que devia, respeitoso,
 Da maneira que sempre praticaram

270 -- Os seus antecessores, ir ao lado,
 Por ser esta bandeira um estandarte
 Onde tremulam do seu reino as armas.
 Mas eu não o censuro, antes lhe louvo
 A prudência que teve; pois supunha

275 -- Que, à vista do seu sangue e seu caráter,
 Podia muito bem querer meter-se
 Debaixo, Doroteu, do próprio pátio.
 Que destras evoluções não fez a tropa!
 Uns ficam, ao passar o sacramento,

280 -- Com as suas barretinas nas cabeças;
 Os outros se descobrem e ajoelham
 E, enquanto não se avança o nosso chefe,
 Prostrados se conservam e, devotos,
 Não cessam de ferir os brandos peitos.

285 -- Ah! grande general! com esta tropa
 Tu podes conquistar o mundo inteiro!
 Foram muitos felices os Lorenas,
 Os Condés, os Eugênios e outros muitos,
 Em tu não floresceres nos seus tempos.

290 -- Meu caro Doroteu, os sapateiros
 Entendem do seu couro, os mercadores
 Entendem de fazenda, os alfaiates
 Entendem de vestidos, enfim todos
 Podem bem entender dos seus ofícios;

295 -- Porém querer o chefe que se formem
 Disciplinadas tropas de tendeiros,
 De moços de taberna, de rapazes
 E bisonhos roceiros, é delírio,
 Que o soldado não fica bom soldado

300 -- Somente porque veste a curta farda,
 Porque limpa as correias, tinge as botas
 E, com trapos, engrossa o seu rabicho.

A negra noite em dia se converte

À força das tigelas e das tochas
 305 -- Que em grande cópia nas janelas ardem.
 Aqui o bom Robério se distingue:
 Compõe algumas quadras, que batiza
 Com o distinto nome de epigramas,
 E pedante rendeiro as dependura
 310 -- Na dilatada frente, que ilumina,
 Fazendo-as escrever em lindas tarjas.
 Raçoso e mau poeta, não nasceste
 Para cantar heróis, nem coisas grandes!
 Se te queres moldar aos teus talentos,
 315 -- Em tosca frase do país somente
 Escreve trovas, que os mulatos cantem.

Andava, Doroteu, alegre a gente
 Em bandos pelas ruas. Então vejo
 Ao famoso Roquério neste traje:
 320 -- As chinelas nos pés, descalça a perna.
 Um chapéu muito velho na cabeça,
 E, fora dos calções, a porca fralda.
 Em um roto capote mal se embrulha
 E grande varapau na mão sustenta,
 325 -- Que mais de estorvo que de arrimo serve,
 Pois a cachaça ardente, que o alegre,
 Lhe tira as forças dos robustos membros
 E põe-lhe peso, na cabeça leve.
 Não repares, amigo, que te conte
 330 -- Este sucesso, que parece estranho:
 Este grande Roquério é um daqueles
 Que assenta, à sua mesa, o nosso chefe.
 Agora, amigo, vê se esta pintura
 Não pode muito bem à nossa historia,
 335 -- Sem violência servir também de enfeite.

Fiquemos, Doroteu, aqui, por ora,
 Pois, de tanto escrever, a mão já cansa.
 Em outra contarei o mais que resta
 E vi no grão passeio e mais no curro,
 340 -- Aonde as cavalhadas se fizeram,
 Aonde os maus capinhas maltrataram,
 Em vez de touros, mansos bois e vacas.

CARTA 6ª

Em que se conta o resto dos festejos.

Eu ontem, Doroteu, fechei a carta
 Em que te relatei da igreja as festas;

E como trabalhava por lembrar-me
 Do resto dos festejos, mal descanso
 5 -- Na cama os lassos membros, me parece
 Que vou entrando na formosa praça.
 Não vejo, Doroteu, um curro feito
 De pedaços informes de outros curros;
 Sim vejo o mesmo curro, que o bom chefe
 10 -- Riscou na seca praia, e nele vejo
 As mesmas armações, as mesmas caras.
 Ora vou, doce amigo, aqui pintá-lo.

Na frente se levanta um camarote
 Mais alto do que todos uma braça:
 15 -- Enfeitam seu prospecto lindas colchas
 E pendentes cortinas de damasco.
 À direita se assenta o nosso chefe;
 Os régios magistrados não o cercam,
 Nem o cerca, também, o nobre corpo
 20 -- Dos velhos cidadãos, aquele mesmo
 Que faz de toda a festa os grandes gastos.
 Com ele só se assenta a sua corte,
 Que toda se compõe de novos Martes.
 Aqui alguns conheço, que inda vivem
 25 -- De darem o sustento, o quarto, a roupa
 E capim para a besta, a quem viaja.
 Conheço, finalmente, a outros muitos
 Que foram almocreves e tendeiros,
 Que foram alfaiates e fizcram,
 30 -- Puxando a dente o couro, bem sapatos.
 Agora, doce amigo, não te rias
 De veres que estes são aqueles grandes
 Que, em presença do chefe, encostar podem
 Os queixos nos bastões das finas canas.
 35 -- Os postos, Doroteu, aqui se vendem,
 E, como as outras drogas que se compram,
 Devem daqueles ser. que mais os pagam.

No meio desta turba, vejo um vulto
 Que moça me parece, pelo traje.
 40 -- Não posso conceber o como deva
 Estar uma senhora em tal palanque.
 O chefe, eu discorria, inda é solteiro,
 E, quando não o fosse, a sua esposa
 Não havia sentar-se com barbados.
 45 -- Mil coisas, Doroteu, mil coisas feias
 Me sugere a malícia, e todas falsas.
 Aplico mais a vista, então conheço
 Que é uma muito esperta mulatinha,
 Que dizem filha ser do seu lacaio.
 50 -- Eis aqui, Doroteu, o como, às vezes,
 Infames testemunhos se levantam

Às pessoas mais sérias. Só Deus sabe
 O que dirão também do teu critilo!
 Mas tu, prezado amigo, não te aflijas,
 '55 -- Que tudo é desta classe, e, se viveres,
 Ainda o hás de ver obrar milagres.

Pegado ao camarote do bom chefe
 Se vê outro palanque, igual em tudo
 Aos rasos camarotes do mais povo.
 60 -- Aqui têm seu lugar os senadores;
 Com eles se incorporam outros muitos
 Que lograram de edis as grandes honras.

Nos outros adornados camarotes
 Assistem as famílias mais honestas:
 65 -- Aqui nada se vê que seja pobre.
 Recreia, Doroteu, recreia a vista
 O vário dos matizes; cega os olhos
 O continuo brilhar das finas pedras.
 No meio de um palanque então descubro
 70 -- A minha, a minha Nise: está vestida
 Da cor mimosa com que o céu se veste.
 Oh! quanto, oh! quanto é bela a verde olaia
 Quando se cobre de cheirosas flores;
 A filha de Taumante, quando arqueia,
 75 -- No meio da tormenta, o lindo corpo;
 A mesma Vênus, quando toma e abraça
 O grosso escudo e lança, porque vença a
 A paixão do deus Marte com mais força,
 Ou quando lacrimosa se apresenta
 80 -- Na sala de seu pai, para que salve
 Aos seus troianos das soberbas ondas,
 Não é, não é como ela tão formosa
 Qual o tenro menino, a quem se chega
 Defronte do semblante a vela acesa,
 85 -- Umás vezes suspenso, outras risonho,
 Os olhos arregala e, bem que o chamem,
 A tesa vista não separa dela,
 Assim eu, Doroteu, apenas vejo
 A minha doce Nise, qual menino,
 90 -- Os olhos nela fito cheios de água,
 E, por mais que me chamem, ou me abalem,
 De embebido que estou, não sinto nada.
 No meio, Doroteu, de tanto assombro,
 Me finge a perturbada fantasia
 95 -- Novo sucesso, que me aflige e cansa.
 Aparece, no curro, passeando,
 Sexagenário velho, em ar de moço:
 Traja uma curta veste, calções largos
 Da cor da seca rosa, a quem adorna
 100 -- O brilhante galão de fina prata.

Na bolsa do cabelo, que se enfeita
De duas negras plumas e de flocos,
Branquejam os vidrilhos, e no peito,
De flores se sustenta um grande molho.

105 -- Traz dois anéis nos dedos e fivelas
De amarelos topázios. Não caminha
Sem que, avante, caminhe um branco pajem
Atrás da cadeirinha, e o seu moleque
Em forma de lacaio. Ah! velho tonto!

110 -- Esse teu tratamento imita, imita
Ao estado que tem o rei do Congo!

Ponho os meus olhos no caduco Adônis:
Então se me afigura que ele oferta
A Nise uma das flores, e que Nise

115 -- Com ar risonho no seu peito a prega.
Aos zelos, Doroteu, ninguém resiste;
Sentem a sua força os altos deuses,
Os homens mais as feras; e, em Critilo,
Não podes esperar paixões diversas.

120 -- Apenas isto vejo, exasperado
Meto a mão no florete e, quando intento
O peito traspassar-lhe, então acordo,
E, vendo-me às escuras sobre a cama
Conheço que isto tudo foi um sonho.

125 -- Pinte-te, Doroteu. o grande curro
Da sorte que minha alma o viu sonhando;
Agora vou pintar-te os mais sucessos
Que impressos inda tenho na memória.
Ainda, Doroteu, no largo curro

130 -- Caretas não brincavam, nem se viam,
Nos rasos camarotes, altas popas,
Enfeites com que brilham néscias damas,
Quando já no castelo de madeira
As peças fuzilavam, sinal certo

135 -- De que o nosso herói e o velho bispo
No adornado palanque se assentavam.
Agora dirás tu: "É forte pressa!
Os chefes nos teatros entram sempre
Às horas de correr-se acima o pano."

140 -- Amigo Doroteu, tu nunca viste
Uma criança a quem a mãe promete
Levá-la a ver de tarde alguma festa,
Que logo de manhã a mãe persegue,
Pedindo que lhe dispa os fatos velhos?

145 -- Pois eis aqui, amigo, o nosso chefe.
Não quer perder de estar casquilho e teso
No erguido camarote um breve instante.

Chegam-se, enfim, as horas do festejo;

Entra na praça a grande comitiva;
 150 -- Trazem os pajens as compridas lanças
 De fitas adornadas, vêm à destra
 Os formosos ginetes arreados,
 Seguem-se os cavaleiros, que cortejam
 Primeiro ao bruto chefe, logo aos outros,
 155 -- Dividindo as fileiras sobre os lados,
 Não há quem o cortejo não receba
 Em ar civil e grato; só o chefe
 O corpo da cadeira não levanta,
 Nem abaixa a cabeça, qual o dono
 160 -- Dos míseros escravos, quando juntos
 A bênção vão pedir-lhe, porque sejam
 Ajudados de Deus no seu trabalho.

Feitas as cortesias do costume,
 Os destros cavaleiros galopeiam
 165 -- Em círculos vistosos, pelo campo.
 Logo se formam em diversos corpos,
 À maneira das tropas que apresentam
 Sanguinosas batalhas. Soam trompas,
 Soam os atabales, os fagotes,
 170 -- Os clarins, os boés, e mais as flautas;
 O fogo do ginete as ventas abre
 E bate com as mãos na dura terra;
 Os dois mantenedores já se avançam.
 Aqui, prezado amigo, aqui não lutam,
 175 -- Como nos espetáculos romanos,
 Com forçosos leões, malhados tigres,
 Os homens, peito a peito e braço a braço.
 Jogam-se encontoadas, e se atiram
 Redondas alcancias, curtas canas,
 180 -- De que destro inimigo se defende
 Com fazê-las no ar em dois pedaços.
 Ao fogo das pistolas se desfazem
 Nos postes as cabeças. Umas ficam
 Dos ferros trespassadas, outras voam,
 185 -- Sacudidas das pontas das espadas;
 Airoso cavaleiro ao ombro encosta
 A lança, no princípio da carreira;
 No ligeiro cavalo a espada bate;
 Desfaz com mão igual o ferro, e logo
 190 -- Que leva um argolinha, a rédea toma
 E faz que o bruto pare. Doces coros
 Aplaudem o sucesso, enchendo os ares
 De grata melodia. Então, vaidoso,
 Guiado de um padrinho, ao chefe leva
 195 -- O sinal da vitória, que segura
 Na destra, aguda lança. O bruto chefe
 Aceita a oferta em ar de majestade,
 À maneira dos amos, quando tomam

As coisas que lhes dão os seus criados.

200 -- Nestes e noutros brincos inocentes
Se passa, Doroteu, a alegre tarde.

Já no sereno céu resplandeciam
As brilhantes estrelas, os morcegos
E as toucadas corujas já voavam,

205 -- Quando, prezado amigo, nas janelas
Do nosso Santiago se acendiam,
Em sinal de prazer, as luminárias;
Ardem, pois, nas janelas de palácio
Duas tochas de pau, e sobre a frente

210 -- Da casa do Senado se levanta
Uma extensa armação, a quem enfeitam
Quatro mil tigelinhas. Meu Alberga,
Aqui o prêmio tens, do teu trabalho:
Tu farás, de torcidas e de azeite,

215 -- Aos tristes camaristas contas largas;
E as arrobas de sebo, que não arde,
Desfeitas em sabão, mui bem te podem
Toda a roupa lavar por muitos anos.

Nas margens, Doroteu, do sujo corgo,

220 -- Que banha da cidade a longa fralda,
Há uma curta praia, toda cheia
De já lavados seixos. Neste sítio
Um formoso passeio se prepara:

Ordena o sábio chefe que se cortem
225 -- De verdes laranjeiras muitos ramos,
E manda que se enterrem nesta praia,
Fingindo largas ruas. Cada tronco
Tem, debaixo das folhas, uma tábua,
Sem lavor nem pintura, que sustenta

230 -- Doze tigelas do grosseiro barro.
No meio do passeio estão abertas
Duas pequenas covas, pouco fundas
Que lagos se apelidam. Sobre as bordas
Ardem mil tigelinhas, e o azeite

235 -- Que corre, Doroteu, dos covos cacos,
Inda é mais do que são as sujas águas,
Que nem os fundos cobrem destes tanques.
A tão formoso sítio tudo acode,

Ou seja de um ou seja de outro sexo,
240 -- Ou seja de uma ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem reбуço,
A torpe concubina oferta o braco;
Ali mancebo ousado assiste e fala

A simples filha, que seus pais recatam;
245 -- A ligeira mulata, em trajes de homem,
Dança o quente londum e o vil batuque,
E, aos cantos do passeio, inda se fazem

Ações mais feias, que a modéstia oculta.
 Meu caro Doroteu, meu doce amigo,
 250 -- Se queres que este sítio te compare,
 Como sério poeta, aqui tens Chipre,
 Nos dias em que os povos tributavam
 À deusa tutelar alegres cultos.
 Se queres que o compare, como um homem
 255 -- Que alguma noção tem das sacras letras,
 Aqui Sodoma tens e mais Gomorra.
 Se queres, finalmente, que o compare
 A lugar mais humilde, em tom jocoso,
 Aqui, amigo, tens esse afamado
 260 -- Quilombo, em que viveu o pai Ambrósio.

Depõe o nosso chefe a majestade
 E, por ver as madamas, rebuçado
 No capote de berne, corre as ruas,
 Seguido, Doroteu, das suas guardas.
 265 -- Depois de dar seus giros, vai sentar-se
 Em um dos toscos bancos, onde tomam
 Assento certas moças que puderam,
 Não sei por que razão, cair-lhe em graça.
 Não diz uma fineza às tais mocinhas.
 270 -- Pois não é, Doroteu, porque não saiba,
 Que ele tem muito estudo de Florinda,
 Da Roda da Fortuna e de outros livros,
 Que dão aos seus leitores grande massa.
 É, sim, por sustentar a gravidade
 275 -- Que, no público, pede o seu emprego.
 Mas, para lhes mostrar o quanto as preza,
 (Oh! força milagrosa do bestunto!)
 Descobre esta feliz e nova traça:
 Vai sentar-se na ponta do banquinho,
 280 -- Umás vezes suspende ao ar o corpo,
 Outras vezes carrega sobre a tábua
 E, desta sorte, faz que as belas moças,
 Movidas do balanço, dêem no vento
 Milhares e milhares de embigadas.
 285 -- Chega-se, Doroteu, defronte dele
 Um máscara prendado: não estima
 Os discretos conceitos, nem se agrada
 De ver executar vistosos passos.
 Manda, sim, que arremede o nosso bispo,
 290 -- Que arremede, também, o modo e o gesto
 De um nosso general. São estes momos
 Os únicos que podem comovê-lo
 No público a mostrar risonha cara.
 Oh! alma de fidalgo, oh! chefe digno
 295 -- De vestir a libré de um vil lacaio!

Cresceram, doce amigo, alguns foguetes

- Da noite em que o Senado fez no curro
 De pólvora queimar barris imensos.
 Em uma noite clara, qual o dia,
 300 -- Ordena que os foguetes vão aos ares.
 Vai se pôr no passeio, reclinado
 Sobre um monte de pedras; faz-lhe a corte
 A velha poetisa, que repete
 Um soneto que fez a certos males.
- 305 -- Começam os vapores do ribeiro
 A formar, sobre a terra, nuvens densas,
 Não se vêem, dos foguetes, os chuveiros,
 Não se vêem as estrelas, nem as cobras,
 Mas ele os deixa arder, e gasta a noite
- 310 -- Contento com ouvir alguns estalos,
 E a bulha, que eles fazem, quando sobem.
- Já chega, Doroteu, o novo dia,
 O dia em que se correm bois e vacas.
 Amigo Doroteu, é tempo, é tempo
- 315 -- De fazer-te excitar, no peito brando,
 Afetos de ternura, de ódio e raiva.
 No dia. Doroteu, em que se devem
 Correr os mansos touros, acontece
 Morrer a casta esposa de um mulato,
- 320 -- Que a vida ganha por tocar rabeça;
 Dá-se parte do caso ao nosso chefe;
 Este, prezado amigo, não ordena
 Que outro músico vá em lugar dele
 A rabeça tocar no pronto carro;
- 325 -- Ordena que ele escolha ou a cadeia
 Ou ir tocar a doce rabequinha
 Naquela mesma tarde, pela praia.
 Que é isto, Doroteu, estás confuso?
 Duvidas que isto seja ou não verdade?
- 330 -- Então que hás de fazer, quando me ouvires
 Contar desordens, que inda são mais calvas?
 Indigno, indigno chefe, as leis sagradas
 Não querem se incomodem alguns dias
 Os parentes chegados dos defuntos,
- 335 -- Ainda para coisas necessárias;
 E tu, cruel, violentas um marido
 A deixar sobre a terra o frio corpo
 Da sua terna esposa, sem que tenhas
 Ao menos uma honesta e justa causa!
- 340 -- Bárbaro, tu praticas tudo junto
 Quanto obraram, no mundo, os maus tiranos!
 Mezêncio ajuntava os corpos vivos
 Aos corpos já corruptos, e tu segues
 Outros caminhos, que inda são mais novos;
- 345 -- Separas dos defuntos os que vivem,
 Não queres que os parentes sejam pios,

Dando as últimas honras aos seus mortos!

Chega-se, finalmente, a tarde alegre
Do festejo dos touros. Já no curro

350 -- Aparecem os dois formosos carros.

O primeiro derrama sobre a terra,
Por bocas de serpentes escamosas,
Dois puros chorros de água; no segundo
Se levantam, alegres, doces vozes,

355 -- Que vários instrumentos acompanham.

Aqui, entre os que tocam, se divisa
Um triste rosto, que se alaga em pranto.
Não sabes, Doroteu, quem este seja?
Pois é, prezado amigo, aquele triste

360 -- Que tem a mulher morta sobre a cama.

O nosso grande chefe mal conhece
Ao pobre do viúvo, compassivo
Mete a mão no seu bolso e dele tira
Um famoso cartucho, que lhe entrega.

365 -- O néscio rebequista, que a ação nota,

Um pouco suaviza a sua mágoa,
E, enquanto não recebe o tal embrulho,
Consigo assim discorre: “Que ditosa,
Que ditosa violência, que socorre,

370 -- Em tal ocasião, a minha falta!

Já tenho com que pague ao meu vigário,
Já tenho com que pague a cera, a cova,
A mortalha, o caixão, e mais os padres.”
Assim o bom viúvo discorria;

370 -- Quando pega no embrulho, e mal o rasga,

Encontra, Doroteu, confeitos grandes,
Encontra manuscristi, e rebuçados.
Que é isso, Doroteu, de novo pasmas?
De novo desconfias da verdade?

380 -- Amigo Doroteu, o nosso chefe

Estudou medicina, e como alcança
Que o chorar faz defluxo, providente
Ministra rebuçados a quem chora,
Para, com eles, acudir-lhe ao peito.

385 -- Principiam os touros, e se aumentam

Do chefe as parvoíces. Manda à praça
Sem regra, sem discurso e sem concerto.
Agora sai um touro levantado,
Que ao mau capinha, sem fugir, espera.

390 -- Acena-lhe o capinha, ele recua

E atira com as mãos, ao ar, a terra;
Acena-lhe o capinha novamente,
De novo raspa o chão e logo investe.
Lá vai o mau capinha pelos ares,

395 -- Lá se estende na areia, e o bravo touro

Lhe dá, com o focinho, um par de tombos,
 Nem deixa de pisá-lo, enquanto o néscio
 Não segue o meio de fingir-se morto.
 Meu esperto boizinho, em paz te fica,
 400 -- Que o nosso chefe ordena te recolham
 Sem fazeres mais sorte, e te reserva,
 Para ao curro saíres, quando forem
 Do Senhor do Bonfim as grandes festas.
 Agora sai um touro, que é prudente.
 405 -- Se o capinha o procura, logo foge.
 Os caretas lhe dão mil apupadas,
 Um lhe pega no rabo, e o segura,
 Outro intenta montá-lo, e o grande chefe
 O deixa passear por largo espaço.
 410 -- Manda soltar-lhe os cães, manda meter-lhe
 As garrochas de fogo, que primeiro
 Que a pele rompam do ligeiro bruto,
 Nos destros dedos do capinha estalam.

Com estes maus festejos, que aborrecem,
 415 -- Se gastam muitos dias. Já o povo
 Se cansa de assistir na triste praça,
 E, ao ver-se solitário, o bruto chefe
 Nos trata por incultos, mais ingratos.

Soberbo e louco chefe, que proveito
 420 -- Tiraste de gastar em frias festas
 Imenso cabedal, que o bom Senado
 Devia consumir em coisas santas?
 Suspiram pobres amas e padecem
 Crianças inocentes, e tu podes
 425 -- Com rosto enxuto ver tamanhos males?
 Embora! Sacrifica ao próprio gosto
 As fortunas dos povos que governas;
 Virá dia em que mão robusta e santa,
 Depois de castigar-nos, se condoa
 430 -- E lance na fogueira as varas torpes.
 Então rirão aqueles que choraram,
 Então talvez que chores, mas de balde,
 Que suspiros e prantos nada lucram
 A quem os guarda para muito tarde.

CARTA 7ª

Há tempo, Doroteu, que não prossigo
 Do nosso Fanfarrão a longa história.

.....

.....

Que não busque cobri-los com tal capa.

Que inda se persuada que os maís homens

5 -- Lhos ficam respeitando, como acertos?

Enquanto ao conhecer destes despejos,

Pespega à lei a boa inteligência,

Que extensiva se chama. Sim, entende

Que aonde o rei ordena que só haja

10 -- Recurso a ele mesmo, nos faculta

Recurso aos generais, pois que estes fazem,

Em tudo, e mais que em tudo, as suas vezes.

Ah! dize, meu amigo, se podia

Dar-lhe outra inteligência o mesmo Acúrsio?

15 -- Esse grande doutor, que já nos finge,

Nos princípios de Roma, conhecida

A Divina Trindade, e que pondera

Que do cão, que na palha está deitado,

A velha fúria, lei se diz canina.

20 -- Maldito, Doroteu, maldito seja

O pai de Fanfarrão, que deu ao mundo,

Ao mundo literário tanta perda,

Criando ao hábil filho numa corte,

Qual morgado, que habita em pobre aldeia!

25 -- Ah! se ele, doce amigo, assim discorre,

Sabendo apenas ler redonda letra,

Que abismo não seria, se soubesse

Verter o breviário em tosca prosa!

Se entrasse em Salamanca, e ali ouvisse

30 -- Explicar a questão daquela escrava

Que foi manumetida em testamento,

Se três filhos parisse, e outras muitas

Que os lentes nos ensinam, desta casta!

Enquanto, Doroteu, ao outro ponto

35 -- De julgar aos expulsos inocentes,

Também razão lhe dou, porque, primeiro

Se informa com aqueles, que os réus dizem

Que sabem, mais que todos, do seu caso.

Nem é de presumir que estes lhe faltem

40 -- A verdade, jurando, pois têm alma.

Sê boa testemunha, meu paizinho,

A quem o vulgo chama Pé-de-Pato.

Confessa se não foste o que juraste

Que deste uma denúncia e fora falsa.

45 -- Indigno e bruto chefe, em que direito

Entendes que se firmam tais processos?

Um réu, a quem condena um magistrado,

Pode mostrar o injusto da sentença

Dando umas testemunhas que juraram

50 -- Sem haver citação da sua parte?

Dando umas testemunhas inquiridas
 Por juiz que não pode perguntá-las?
 E como, louco chefe, e como sabes
 Que a defesa convence, se nem viste
 55 -- Os autos, em que a culpa está formada?
 Suponho que juraram novamente
 Aqueles mesmos que as denúncias deram:
 O segundo e contrário juramento
 Não é que se reputa, sempre, o falso?
 60 -- E quem chega a comprar um grande chefe
 Não pode inda melhor comprar um negro?
 Amigo Doroteu, estes pretextos
 São como as bigodeiras, que não podem
 Fazer se não conheçam as pessoas,
 65 -- Que dançam nos teatros por dinheiro.

Não lucra, doce amigo, o nosso chefe
 Somente em revogar os extermínios
 Que fazem os ministros: ele mesmo
 Ordena se despejem os ricos,
 70 -- Ainda que estes vivam sem suspeita
 Do infame contrabando. Desta sorte
 Os obriga também a vir à tenda
 Comprar, por grossas barras, seus despachos.
 Todos largam, enfim, e todos entram
 75 -- No vedado distrito, sem que importe
 Haver ou não haver de crime indício.
 Só tu, meu Josefino, só tu ficas
 No mandado desterro, por teimares
 Em não querer largar ao vil Matúcio
 80 -- Uns tantos mil cruzados, que pedia.
 Só tu... porém, amigo, é tempo, é tempo
 De fechar esta carta, pois, ainda
 Que a matéria, por nova, te deleite,
 A muita difusão também enfada.
 85 -- Eu a pena deponho, e só te peço
 Que tomes a lição, que te apresenta
 O nosso Fanfarrão, no seu mulato.
 Não desfaças, amigo, as ruças becas,
 Vai-as distribuindo aos teus lacaios,
 90 -- Bem como faz o chefe às suas fardas;
 Que, enquanto estes as rompem, poupam
 As librés amarelas asseadas.

CARTA 8ª

Em que se trata da venda dos despachos e contratos.

- Os grandes, Doroteu, da nossa Espanha
 Têm diversas herdades: uma delas
 Dão trigo, dão centeio e dão cevada;
 As outras têm cascatas e pomares,
- 5 -- Com outras muitas peças, que só servem,
 Nos calmosos verões, de algum recreio.
 Assim os generais da nossa Chile
 Têm diversas fazendas: numas passam
 As horas de descanso, as outras geram
- 10 -- Os milhos, os feijões e os úteis frutos
 Que podem sustentar as grandes casas.
 As quintas, Doroteu, que mais lhes rendem,
 Abertas nunca são do torto arado.
 Quer chova de contínuo, quer se gretem
- 15 -- As terras, ao rigor do sol intenso,
 Sempre geram mais frutos do que as outras,
 No ano em que lhes corre, ao próprio, o tempo.
 Estas quintas, amigo, não produzem
 Em certas estações, produzem sempre,
- 20 -- Que os nossos generais, tomando a foice,
 Vão fazer, nas searas, a colheita.
 Produzem, que inda é mais, sem que os bons chefes
 Se cansem com amanhos, nem ainda
 Com lançarem nos sulcos as sementes.
- 25 -- Agora dirás tu, de assombro cheio:
 “Que ditosas campinas! Dessa sorte
 Só pintam os Elíseos os poetas.”
 Amigo Doroteu, és pouco esperto;
 As fazendas que pinto não são dessas
- 30 -- Que têm, para as culturas, largos campos
 E virgens matarias, cujos troncos
 Levantam, sobre as nuvens, grossos ramos.
 Não são, não são fazendas onde paste
 O lanudo carneiro e a gorda vaca,
- 35 -- A vaca, que salpica as brandas ervas
 Com o leite encorpado, que lhe escorre
 Das lisas tetas, que no chão lhe arrastam.
 Não são, enfim, herdades, onde as louras
 Zunidoras abelhas de mil castas,
- 40 -- Nos côncavos das árvores já velhas,
 Que bálsamos destilam, escondidas,
 Fabriquem rumas de gostosos favos.
 Estas quintas são quintas só no nome,
 Pois são os dois contratos, que utilizam
- 45 -- Aos chefes, inda mais que ao próprio Estado.

Cada triênio, pois, os nossos chefes
 Levantam duas quintas ou herdades,
 E, quando o lavrador da terra inculta

Despende o seu dinheiro, no princípio,
 50 --Fazendo levantar, de paus robustos,
 As casas de vivenda e, junto delas,
 Em volta de um terreiro, as vis senzalas,
 Os nossos generais, pelo contrário,
 Quando estas quintas fazem, logo embolsam
 55 -- Uma grande porção de louras barras.

 A primeira fazenda, que o bom chefe
 Ergueu nestas campinas, foi a grande
 Herdade, que arrendou ao seu Marquésio.
 As línguas depravadas espalharam
 60 -- Que, para o tal Marquésio entrar de posse,
 Largara ao grande chefe, só de luvas,
 Uns trinta mil cruzados; bagatela!
 Os mesmos maldizentes acrescentam
 Que o pançudo Robério fora aquele
 65 -- Que fez de corretor no tal contrato.
 Amigo Doroteu, eu tremo e fujo
 De encarregar minha alma. O bom Vergílio
 Talvez, talvez que aflito se revolva,
 No meio da fogueira devorante,
 70 -- Por dizer que adorara ao pio Enéias
 Uma casta rainha, cujos ossos
 Estavam no sepulcro, já mirrados,
 Havia coisa de trezentos anos.
 Eu não te afirmo, pois, que se fizesse
 75 -- A venda vergonhosa; só te afirmo
 Que o mundo assim o julga, e que esta fama
 Não deixa de firmar-se em bons indícios.
 As leis do nosso reino não consentem
 Que os chefes dêem contratos, contra os votos
 80 -- Dos retos deputados que organizam
 A Junta de Fazenda, e o nosso chefe
 Mandou arrematar ao seu Marquésio
 O contrato maior, sem ter um voto
 Que favorável fosse aos seus projetos.
 85 -- As mesmas santas leis jamais concedem
 Que possa arrematar-se algum contrato
 Ao rico lançador, se houver na praça
 Um só competidor de mais abono;
 E o nosso general mandou se desse
 90 -- O ramo ao lançador, que apenas tinha
 Uns vinte mil cruzados, em palavra,
 Deixando preterido outro sujeito
 De muito mais abono, e a quem devia
 Um grosso cabedal o régio erário.
 95 -- Mal acaba Marquésio o seu triênio,
 Outro novo triênio lhe arremata,
 Sem que um membro da Junta em tal convenha;
 E, tendo o tal Marquésio, no contrato,

- Perdido grandes somas, lhe dispensa
 100 -- Outras fianças dar à nova renda.
 Amigo Doroteu, o nosso chefe,
 Que procura tirar conveniência
 Dos pequenos negócios e despachos,
 Daria este contrato ao bom Marquésio,
 105 -- Este grande contrato, sem que houvesse
 De paga equivalente ajuste expresso?
 Amigo Doroteu, se não sou sábio,
 Não sou, também, tão néscio, que nem saiba
 Das premissas tirar as conseqüências.
 110 -- Agora dirás tu: “Se o patrimônio
 De Marquésio consiste, como afirmas,
 Em vinte mil cruzados, em palavra,
 Como, de luvas, deu ao chefe os trinta?”
 Amigo Doroteu, estou pilhado;
 115 -- A palavra, que sai da boca fora,
 É como a calhoadá, que se atira,
 Que já não tem remédio. Paciência.
 Eu as ervas arranco, e, desde agora,
 Contigo falarei com mais cautela.
 120 -- Mas que vejo? Tu ris-te? Acaso pensas
 Que me tens apanhado na verdade?
 A mim nunca apanharam os capuchos,
 Quando, no raso assento, defendia
 Que a natureza não tolera o vácuo,
 125 -- Que os cheiros são ocultas entidades,
 Com outras mil questões da mesma classe.
 E tu, meu doce amigo, pertendias
 Convencer-me em matéria em que dar posso
 A todos, de partido, a sota e o basto?
 130 -- Desiste, Doroteu, do louco intento,
 Faze uma grande cruz na lisa testa,
 Dá figas ao demônio, que te atenta.
 Ora ouve a solução desse argumento:
 Bem que pingante seja quem remata
 135 -- Este grande contrato, mercadeja
 Com perto de um milhão; por isso todos
 Lhe emprestam prontamente os seus dinheiros.

- Os chefes, Doroteu, que só procuram
 De barras entulhar as fortes burras,
 140 -- Desfrutam juntamente as mais fazendas,
 Que os seus antecessores levantaram.
 Nem deixam descansar as férteis terras
 Enquanto não as põem em sambambaias.
 Aqui agora tens, meu Silverino,
 145 -- O teu próprio lugar. Tu és honrado,
 E prezas, como eu prezo, a sã verdade;
 Por isso nos confessas que tu ganhas
 A graça deste chefe, porque envias,

Pela mão de Matúcio, seu agente,
 150 -- Em todos os trimestres, as mesadas.
 Eu sei, meu Silverino, que quem vive
 Na nossa infeliz Chile, não te impugna
 Tão notória verdade. Porém deve
 Correr estranhos climas esta história,
 155 -- E, como tu não vás, também, com ela,
 É justo que lhe ponha algumas provas.

A sábia lei do reino quer e manda
 Que os nossos devedores não se prendam.
 Responde agora tu, por que motivo
 160 -- Concede o grande chefe que tu prendas
 A quantos miseráveis te deverem?
 Porquê, meu Silverino? Porque largas,
 Porque mandas presentes, mais dinheiro.
 As mesmas leis do reino também vedam
 165 -- Que possa ser juiz a própria parte.
 Responde agora mais: por que princípio
 Consente o nosso chefe que tu sejas
 O mesmo que encorrente a quem não paga?
 Porque, meu Silverino? Porque largas,
 170 -- Porque mandas presentes, mais dinheiro.
 Os sábios generais reprimir devem
 Do atrevido vassalo as insolências;
 Tu metes homens livres no teu tronco,
 Tu mandas castigá-los, como negros;
 175 -- Tu zombas da justiça, tu a prendes;
 Tu passas portarias ordenando
 Que com certas pessoas não se entenda.
 Porquê, por que razão o nosso chefe
 Consente que tu faças tanto insulto,
 180 -- Sendo um touro, que parte ao leve aceno?
 Porquê, meu Silverino? Porque largas,
 Porque mandas presentes, mais dinheiro.

A lei do teu contrato não faculta
 Que possas aplicar aos teus negócios
 185 -- Os públicos dinheiros. Tu, com eles,
 Pagaste aos teus credores grandes somas!
 Ordena a sábia Junta que dê logo
 Da tua comissão estreita conta;
 O chefe não assina a portaria,
 190 -- Não quer que se descubra a ladroeira,
 Porque te favorece, ainda à custa
 Dos régios interesses, quando finge
 Que os zela muito mais que as próprias rendas.
 Porquê, meu Silverino? Porque largas,
 195 -- Porque mandas presentes, mais dinheiro.
 Apenas apareces... Mas não posso
 Só contigo gastar papel e tempo.

Eu já te deixo em paz, roubando o mundo,
 E passo a relatar ao caro amigo
 200 -- Os estranhos sucessos que ainda faltam;
 Nem todos lhe direi, pois são imensos.

Pertende, Doroteu, o nosso chefe
 Mostrar um grande zelo nas cobranças
 Do imenso cabedal que todo o povo,
 205 -- Aos cofres do monarca, está devendo.
 Envia bons soldados às comarcas,
 E manda-lhe que cobrem, ou que metam,
 A quantos não pagarem, nas cadeias.
 Não quero, Doroteu, lembrar-me agora
 210 -- Das leis do nosso augusto; estou cansado
 De confrontar os fatos deste chefe
 Com as disposições do são direito;
 Por isso pintarei, prezado amigo,
 Somente a confusão e a grã desordem
 215 -- Em que a todos nos pôs tão nova idéia.

Entraram nas comarcas os soldados,
 E entraram a gemer os tristes povos.
 Uns tiram os brinquinhos das orelhas
 Das filhas e mulheres; outros vendem
 220 -- As escravas, já velhas, que os criaram,
 Por menos duas partes do seu preço.
 Aquele que não tem cativo, ou jóia,
 Satisfaz com papéis, e o soldadinho
 Estas dívidas cobra, mais violento
 225 -- Do que cobra a justiça uma parcela
 Que tem executivo aparelhado,
 Por sábia ordenação do nosso reino.
 Por mais que o devedor exclama e grita
 Que os créditos são falsos, ou que foram
 230 -- Há muitos anos pagos, o ministro
 Da severa cobrança a nada atende;
 Despreza estes embargos, bem que o triste
 Proteste de os provar incontinenti.

Não se recebem só, prezado amigo,
 235 -- Os créditos alheios, para embolso
 Das dívidas fiscais. O soldadinho
 Descobre um ramo, aqui, de bom comércio:
 Aquele que não quer propor demandas
 Promete-lhe a metade, ou mais ainda,
 240 -- Das somas que lhe entrega, e ele as cobra
 Fingindo que as tomou em pagamento
 Das dívidas do rei. Ainda passa
 A mais esta desordem: faz penhoras
 E manda arrematar, ao pé da igreja,
 245 -- As casas, os cativos, mais as roças.

Agora, Fanfarrão, agora falo
 Contigo, e só contigo. Por que causa
 Ordenas que se faça uma cobrança
 Tão rápida e tão forte contra aqueles

250 -- Que ao erário só devem tênues somas?
 Não tens contratadores, que ao rei devem,
 De mil cruzados centos e mais centos?
 Uma só quinta parte, que estes dessem,
 Não matava do erário o grande empenho?

255 -- O pobre, porque é pobre, pague tudo,
 E o rico, porque é rico, vai pagando
 Sem soldados à porta, com sossego!
 Não era menos torpe, e mais prudente,
 Que os devedores todos se igualassem?

260 -- Que, sem haver respeito ao pobre ou rico,
 Metessem, no erário, um tanto certo,
 À proporção das somas que devessem?
 Indigno, indigno chefe! Tu não buscas
 O público interesse. Tu só queres

265 -- Mostrar ao sábio augusto um falso zelo,
 Pougando, ao mesmo tempo, os devedores,
 Os grossos devedores, que repartem
 Contigo os cabedais, que são do reino.

Talvez, meu Doroteu, talvez que entendas

270 -- Que o nosso Fanfarrão estima e preza
 Os rendeiros que devem, por sistema:
 Só para ver se os ricos desta terra,
 À força de favores animados,
 Se esforçam a lançar nas régias rendas.

275 -- Amigo Doroteu, o nosso chefe,
 Se faz alguma coisa, é só movido
 Da loucura, ou do sórdido interesse.
 Eu vou, prezado amigo, eu vou mostrar-te
 Esta santa verdade, com exemplos.

280 -- Morre um contratador e se nomeia,
 Para tratar dos bens, um seu parente,
 Que Ribério se chama. Não te posso
 Explicar o fervor com que Ribério
 Demanda os devedores, vence e cobra

285 -- Os cabedais dispersos desta herança.
 Estava quase extinto o que devia
 À fazenda do rei; então o chefe
 Lhe ordena satisfaça todo o resto,
 No peremptório termo que lhe assina.

290 -- Exclama o bom Ribério que não pode,
 Pois todo o cabedal, que tem cobrado,
 Ou está, nas demandas, consumido,
 Ou tem entrado já no régio erário.

- E, para bem mostrar esta verdade,
 295 -- Suplica ao grande chefe, que lhe escolha
 Um reto magistrado, que lhe tome,
 Da sua comissão estreita conta.
 Pois isto, Doroteu, não vale nada:
 Sem contas lhe tomarem, manda o chefe
- 300 -- Que gema na cadeia, até que pague.
 Já viste uma insolência semelhante?
 Aos grandes devedores, não se assinam
 Os termos peremptórios para a paga,
 Nem vão para as cadeias, bem que comam
- 305 -- A fazenda do rei; e só Ribério,
 Sendo um procurador que nada deve,
 Vai viver na prisão por tempos largos?
 Amigo Doroteu, o nosso chefe
 Patrocina aos velhacos, que lhe mandam,
- 310 -- Para que mais lhe mandem. Prende e vexa
 Aos justos, que entesouram suas barras,
 Para ver se, oprimidos, se resolvem
 A seguir os caminhos dos que largam.
- Remata-se um contrato a um sujeito,
 315 -- Que o pode bem pagar, por mais que perca;
 Pertende um fiador deste contrato
 Ir tratar, no Peru, do seu comércio;
 Vai licença pedir ao grande chefe,
 E o chefe lha concede. Escuta agora;
- 320 -- Ouvirás uma ação, a mais indigna
 De quantas, por marotos, se fizeram:
 Apenas o tal homem sai da terra,
 Se despede uma esquadra de soldados
 Que, mal com ele topa, lhe dá busca.
- 325 -- As cargas se revolvem, nem lhe escapam
 As grosseiras cangalhas, que se quebram.
 Não acham contrabandos, porém, sempre
 Lhe tomam os dinheiros que ele leva.
 E o grande chefe ordena que se metam
- 330 -- No régio erário todos, inda aqueles,
 Que são de vários donos. Dize, amigo,
 Já viste uma injustiça assim tão clara?
 Aos grossos devedores não se tomam
 Os seus próprios dinheiros, bem que tenham
- 335 -- Comido os cabedais dos seus contratos
 E, ao simples fiador de um rematante,
 Que nada ainda deve, e que tem muito,
 Vão-se, à força, tomar os seus dinheiros,
 E os dinheiros, que é mais, de estranhas partes!
- 340 -- Agora, Doroteu, não tens que digas,
 Hás de, enfim, confessar, que o nosso chefe
 Somente não oprime a quem lhe larga.
 Ora, ouve as circunstâncias que inda crescem

- E que inda afeiam mais o torpe caso:
 345 -- Espalham as más línguas, que Matúcio
 Pedira ao tal sujeito lhe comprasse
 Uns finos guardanapos e toalhas;
 Que o fiador mesquinho lhos trouxera
 E, vendo que Matúcio se esquecia,
 350 -- Lhe chegou a pedir, sem pejo, a paga.
 Que o chefe, ressentido desta injúria,
 Lhe mandou dar a busca por vingança,
 E que até ao presente inda não consta
 Que o preço da encomenda se pagasse.
 355 -- Que mais pode fazer o seu laçao?
 Isto não é mais feio que despir-se
 A preciosa capa ao grande Jove
 E mandar-se tirar ao sábio filho,
 O famoso Esculápio, as barbas de ouro?
- 360 -- Amigo Doroteu, se acaso vires,
 Na corte, algum fidalgo pobre e roto,
 Dize-lhe que procure este governo;
 Que, a não acreditar que há outra vida,
 Com fazer quatro mimos aos rendeiros,
 365 -- Há de à pátria voltar, casquilho e gordo.

CARTA 9ª

Em que se contam as desordens que Fanfarrão obrou no governo das tropas.

- Agora, Doroteu, agora estava
 Bamboando, na rede preguiçosa,
 E tomando, na fina porçolana,
 O mate saboroso, quando escuto
 5 -- De grossa artilharia o rouco estrondo.
 O sangue se congela, a casa treme,
 E pesada porção de estuque velho,
 À violência do abalo despegada,
 Da barriguda esteira faz que eu perca
 10 -- A tigela esmaltada, que era a coisa
 Que tinha, nesta casa, de algum preço.
- Apenas torno em mim daquele susto,
 Me lembra ser o dia em que o bom chefe,
 Aos seus auxiliares lições dava
 15 -- Da que Saxi chamou “pequena guerra”.
 Amigo Doroteu, não sou tão néscio,
 Que os avisos de Jove não conheça.
 Castigou, castigou o meu descuido;
 Pois não me deu a veia de poeta,

Nem me trouxe, por mares empolados,
 20 -- A Chile, para que, gostoso e mole,
 Descanse o corpo na franjada rede.

Nasceu o sábio Homero entre os antigos,
 Para o nome cantar do grego Aquiles;
 Para cantar, também, ao pio Enéias,
 25 -- Teve o povo romano o seu Vergílio:
 Assim, para escrever os grande feitos
 Que o nosso Fanfarrão obrou em Chile,
 Entendo, Doroteu, que a Providência
 Lançou, na culta Espanha, o teu Critilo.
 30 -- Ora pois, Doroteu, eu passo, eu passo
 A cumprir, respeitoso, os meus deveres
 E, já que o meu herói, agora, adestra
 Esquadras belicosas, também hoje
 Tomarei por empresa só mostrar-te
 35 -- Que ele fez, na milícia, grandes coisas.

Há, nesta capital, um regimento
 De tropa regular, a quem se paga.
 Tu sabes, Doroteu, que não há corpo
 Que todo de iguais membros se componha.
 40 -- Das ordens mais austeras, que fizeram
 Os santos penitentes patriarcas,
 Saíram, contra o trono rebelados,
 Os infames Clementes, e saíram
 Contra o dogma, os Calvinos e os Luteros;
 45 -- O mesmo Apostolado teve um Judas.
 Se isto pois, Doroteu, assim sucede
 Nos corpos, que se formam de escolhidos,
 Que não sucederá, nos grandes corpos,
 Aonde se recebem as pessoas
 50 -- Que timbre fazem, dos seus próprios vícios?

O meio, Doroteu, o forte meio
 Que os chefes descobriram para terem
 Os corpos que governam, em sossego,
 Consiste em repartirem com mão reta
 55 -- Os prêmios e os castigos, pois que poucos
 Os delitos evitam, porque prezam
 A cândida virtude: os mais dos homens
 Aos vícios fogem, porque as penas temem.
 Ora ouve, Doroteu, o como o chefe
 60 -- Os castigos reparte aos seus guerreiros.

Não há, não há distúrbio nesta terra,
 De que mão militar não seja autora.
 Chega, prezado amigo, a ousadia
 De um indigno soldado a este excesso:
 65 -- Aperta, na direita, o ferro agudo

E penetra as paredes de palácio,
 No meio de uma sala, aonde estavam
 As duas sentinelas, que defendem
 Da casa do dossel a nobre entrada.

70 -- Aqui, meu Doroteu, aqui se chega
 Ao camarada inerme e, pelas costas,
 O deixa quase morto, a punhaladas.

Que esperas tu, agora, que eu te diga?
 Que o militar conselho já se apressa?

75 -- Que já se liga ao poste o delinqüente?
 Que os olhos com o lenço já lhe cobrem?
 Que a bala zunidora já lhe rompe
 O peito palpitante? Que suspira?
 Que lhe cai, sobre os ombros, a cabeça?

80 -- Meu caro Doroteu, o nosso chefe
 É muito compassivo; sim, bem pode
 Oprimir os paisanos inocentes
 Com pesadas cadeias; pode, ainda,
 Ver o sangue esguichar das rotas costas

85 -- À força dos zorrages, mas não pode
 Consentir que se dê, nos seus soldados,
 Por maiores insultos que cometam,
 A pena inda mais leve: assim praticam
 Os famosos guerreiros, que nasceram

90 -- Para obrarem, no mundo, empresas grandes.

Ele, sim, bem conhece que não há de
 Talar, com estas tropas, as campinas,
 Que o céu lhe não concede a esperança
 De entrar no templo augusto da Vitória,

95 -- Coberto de poeira e negro sangue.
 Mas sempre, Doroteu, as quer propicias,
 Pois, inda que não cinjam as espadas,
 Para cortar loureiros e carvalhos,
 Que a testa lhes circulem, são aquelas

100 -- Que, prontas, executam seus mandados;
 São aquelas que infundem, nestes povos,
 O medo e sujeição, com que toleram
 O verem em desprezo as leis sagradas.

Conhece, Doroteu, o próprio chefe,

105 -- Que vai passando a muito a liberdade
 Das fardas atrevidas, e, querendo
 A tais desordens pôr remédio e freio,
 Não manda que se cumpram as leis santas
 Que aos delitos arbitram justas penas.

110 -- Manda, sim, um cartaz, aonde inova
 Que, todos os domingos, na parada,
 Se leia o militar regulamento.
 Indigno e bruto chefe, de que serve

Que se leiam as leis, se os malfeitores
 115 -- Do que mandam não vêem um só exemplo!
 Tens visto, Doroteu, o como o chefe
 Os delitos castiga; agora sabe
 Da sorte que reparte aos bons os prêmios.

Morreu um capitão, e subiu logo,
 120 -- Ao posto devoluto um bom tenente.
 Porque foi, Doroteu? Seria, acaso,
 Por ser tenente antigo? Ou porque tinha
 Com honra militado? Não, amigo,
 Foi só porque largou três mil cruzados!
 125 -- Ah! não mudes a cor de teu semblante,
 Prudente Maximino! Não, não mudes.
 Que importa que comprasses a patente?
 Se tu a merecias, a vileza
 Da compra não te infama, sim ao chefe,
 130 -- Que nunca faz justiça, sem que a venda.
 Reforma um capitão e, no seu posto,
 Encaixa, sem vergonha, a Tomazine,
 Um moço, na milícia pouco esperto,
 135 -- Que um ano inda não tinha de tenente.
 Em que guerras andou, em que campanhas?
 Quais as feridas que no corpo mostra?
 Aonde, aonde estão as diligências,
 As grandes diligências arriscadas,
 Que fez este mancebo, com que possa
 140 -- Preferir aos antigos, destros cabos?
 Ah! sim, eu já me lembro! Tem serviços,
 Tem famosos serviços, na verdade:
 A casa deste moço, bem que pobre,
 É a casa somente, aonde o chefe
 145 -- Entra em ar de visita, bebe e folga.
 Aqui tens teu lugar, meu bom Lobésio;
 Tu foste a capitão e tu passaste
 Ao posto de major em breves meses.
 Quais são os teus serviços? Quais? Responde.
 150 -- Mas não, não me respondas; eu conheço
 Que és tolo, que és brejeiro e, mais, que mandas
 As redradas pedrinhas. Estes dotes
 Te fazem, no conceito do teu chefe,
 Um digno pai da pátria, herói do reino.
 155 -- Também tu, ó Padela, te distingues
 Na corja dos marotos. Tu conservas
 De capitão o cargo, mas tu logras
 O soldo de major e mais as honras.
 Que foi que te fez digno de subires
 160 -- À privança do chefe? Ah! sim, eu vejo
 O teu merecimento! É coisa grande:
 Ultrajas aos ministros e proteges
 A todos os tratantes, que exercitam

- O furto e o contrabando. Tu, piedoso,
 165 -- Não queres ver perdido um só soldado;
 Se algum, se algum consente que se escalem
 Os vedados lugares, tu escreves
 Ao sucessor honrado e lhe suplicas
 Que parte não te dê, de um tal desmancho.
- 170 -- O teu fidalgo peito não se vence
 Da sórdida avareza. Tu repartes
 Os luzentes seixinhos c'o teu chefe,
 E, bem que o seu Matúcio, em nome dele,
 Os ache miudinhos, sempre servem.
- 175 -- Também tu, digno irmão, também cavalgas
 O posto de tenente, por dizeres,
 Que honrado comandante, na parada,
 Austero te corrige, por falares
 Dos retos magistrados, sem respeito.
- 180 -- Que vezes a cachaça... Mas, amigo,
 Deixemos de falar na paga tropa
 E vamos a falar do grande corpo
 Da gente auxiliar; aqui podemos
 Acabar de dizer o mais que falta.
- 185 -- Tinha este continente, levantados,
 De tropa auxiliar uns treze corpos.
 O nosso chefe ainda não se farta:
 Alista o povo inteiro, e dele forma
 Inda mais de quarenta regimentos,
- 190 -- Mais faminto de ver galões e fardas
 Que Midas de trocar em ouro puro
 As coisas em que punha o torpe dedo.
- O coronel, valente, agarra tudo
 Quanto tem de varão a forma e traje;
- 195 -- Nem lhe obsta, Doroteu, que os seus soldados
 Meninos inda sejam; que eles crescem,
 E cresce, com os corpos, igualmente,
 O santo amor das armas. Muitos, muitos,
 Quando vão para a igreja receberem
- 200 -- As águas salvadoras do batismo,
 Já vão vestidos com a curta farda.
 Este mesmo costume tem, amigo,
 O pago regimento. Apenas nasce
 Aos cabos algum filho, logo, à pressa,
- 205 -- Lhe assenta o chefe de cadete a praça
 Venturoso costume, que promete
 Produzir, de cordeiros, tigres bravos!
 Aníbal, Doroteu, desde menino
 Com seu pai militou; talvez não fosse
- 210 -- O terror dos romanos, se passasse
 A tenra, inda imberbe mocidade,
 Entre os moles prazeres de Cartago.

Contudo, Doroteu, o céu permita
 Que guerras não tenhamos; pois, a termos
 215 -- Algum acampamento, que constanja
 A saírem da praça os regimentos,
 Há de haver bom trabalho em conduzir-se
 O rancho de crianças em jacases.
 Há de, também, haver despesa grande
 220 -- Em levar-se uma tropa de mulheres,
 Que dêem o peito a uns e a outros papa.
 Tu sabes, Doroteu, que as nossas tropas
 De infantaria são, porém montada;
 Que as leis do nosso reino não consentem
 225 -- Que estas montadas tropas se componham
 De membros, que não tenham certas rendas,
 Com que possam manter os seus cavalos.
 Ora ouve, Doroteu, quais são as posses
 Dos míseros paisanos, que se alistam
 230 -- Nos fortes regimentos: quase todos
 Um sendeiro não têm, e muitos deles
 Gemeram nas prisões, por não poderem
 Ajeitar uma grossa e curta farda.
 Eu topei, Doroteu, por várias vezes,
 235 -- Atrás de um regimento, os rapazinhos
 Em veste e mais descalços: fina idéia
 Em que deram os cabos, para verem
 Se, à força de vergonha, se fardavam.
 Eu sei, eu sei, amigo, que alguns destes,
 240 -- Cansados de sofrerem mais opróbrios,
 Fizeram fardamentos dos produtos
 Dos únicos escravos que venderam
 E dos trastes alheios, que furtaram.
 Perguntarás, agora, doce amigo:
 245 -- “Aonde estão os ricos taverneiros?
 Aonde os mercadores, que têm lojas
 A que chamam de seco e de molhado?”
 Aonde, Doroteu? Eu já to digo:
 Estão, estão também nos regimentos,
 250 -- Mas trazem nas direitas, que conservam
 Inda lixosas peles, as bengalas.
 Não rias, Doroteu, das nossas tropas.
 De que gente formou um corpo invicto
 O luso Viriato? Foi de moços
 255 -- Criados, desde a infância, nas campanhas?
 Não foi, meu Doroteu, foi de uns pastores,
 De uns pastores incultos, que, animados
 Do esforço do seu chefe, conseguiram
 Vitórias singulares, contra um povo
 260 -- Que ao mundo sujeitou, à força de armas.
 Os homens, Doroteu, são todos fortes
 Em cima das muralhas, que defendem
 As chorosas mulheres e as fazendas,

Os ternos filhos e os avós cansados.

- 265 -- A desordem, amigo, não consiste
Em formar esquadrões, mas, sim, no excesso.
Um reino bem regido não se forma
Somente de soldados; tem de tudo:
Tem milícia, lavoura, e tem comércio.
- 270 -- Se quantos forem ricos se adornarem
Das golas e das bandas, não teremos
Um só depositário, nem os órfãos
Terão também tutores, quando nisto
Interessa, igualmente, o bem do império.
- 275 -- Carece a monarquia dez mil homens
De tropa auxiliar? Não haja embora
De menos um soldado, mas os outros
Vão à pátria servir nos mais empregos,
Pois os corpos civis são como os nossos,
- 280 -- Que, tendo um membro forte e outros débeis,
Se devem, Doroteu, julgar enfermos.

É também, Doroteu, contra a polícia
Franquearem-se as portas, a que subam
Aos distintos empregos as pessoas

- 285 -- Que vêm de humildes troncos. Os tendeiros,
Mal se vêm capitães, são já fidalgos;
Seus néscios descendentes já não querem
Conservar as tavernas, que lhes deram
Os primeiros sapatos e os primeiros
- 290 -- Capotes com capuz de grosso pano.
Que império, Doroteu, que império pode
Um povo sustentar, que só se forma
De nobres sem ofícios? Estes membros
Não amam, como devem, as virtudes,
- 295 -- Seguem à rédea solta os torpes vícios.
Daqui saem os torpes malfeitores,
Os vis alcoviteiros, os perjuros,
Os famosos ladrões; numa palavra,
A tropa insultadora de vadios.
- 300 -- A este corpo imenso de milícia
Concede Fanfarrão as regalias
Que as nossas leis não dão aos bons vassalos,
Que chegam aos empregos mais honrosos,
Em paga de proezas e serviços.
- 305 -- Não quer, não quer o chefe, que aos seus cabos
Mandem citar os tristes acredores
Por ordem de justiça. Quais os grandes,
Que não vêm a juízo sem licença
Do príncipe, a quem servem, nesta terra,
- 310 -- Sem licença do chefe não se citam
Os negros, os crioulos e os mulatos,
Mal vestem a fardinha e, muito menos,

Mal cingem, na cintura, honrosa banda.
 Se alguém requer ao chefe que permita
 315 -- Para isso faculdade, põe-lhe em cima
 De humilde petição, que o suplicado
 Componha ao suplicante o que lhe deve.
 Se diz o suplicado ao suplicante
 Que não lhe deve nada, foi-se embora
 320 -- O sólido direito, que a policia
 Do chefe não consente que se ponha
 Aos seus oficiais, inda que sejam
 Velhacos e ladrões, no foro, um pleito.

Já viste regalia igual a esta?
 325 -- A pátria, Doroteu, concede aos nobres,
 Que os postos exercitam, grossas rendas,
 Com que possam pagar, aos mais vassallos
 As coisas que lhes comprem; não concede
 Ao mesmo general que vista e coma,
 330 -- À custa do suor dos outros homens.
 E quando o rei não quer pagar a todos,
 Com dinheiro contado, remunera
 Os serviços com graças, mas daquelas
 Que deixam sempre intacto o jus alheio.

335 -- Não são somente isentos da justiça
 Os cabos valerosos. Onde habitam,
 Se acolhem, Doroteu, os malfeitores,
 E, quais antigas casas de fidalgos,
 Ou famosos conventos, que, na porta,
 340 -- Têm as grossas cadeias, onde pegam
 Os míseros culpados, aqui todos
 Se livram dos meirinhos, bem que sejam
 Indignos, torpes réus de magistrado.

Se os ousados meirinhos entrar querem
 345 -- Nas casas destes cabos, a que chamam
 Militares quartéis, os fortes donos
 Encaixam nas cabeças os casquetes,
 Apertam as correias, põem as bandas
 E, cingindo as torcidas, largas folhas,
 350 -- Ultrajam com palavras a justiça,
 Resistem, gritam, ferem, matam, prendem.

Os zelosos juízes punir querem
 A injúria da justiça: formam autos,
 Procedem às devassas, pronunciam,
 355 -- E mandam que estes nomes se descrevam
 Nos róis dos mais culpados. Mas, amigo,
 De que serve fazer-se o que as leis mandam
 Na terra que governa um bruto chefe,
 Que não tem outra lei mais que a vontade?

- 360 -- O chefe onipotente logo envia
 Atrevidos soldados, que, chegando
 À casa do escrivão, os nomes riscam
 Do rol dos delinqüentes e lhe arrancam
 Da fechada gaveta os próprios autos.
- 365 -- Ousado, indigno chefe, que governo,
 Que governos nos fazes? A milícia
 Ergueu-se para guarda dos vassalos,
 E tu, e tu trabalhas, por que seja
 A mesma que nos prive do sossego
- 370 -- Que, próvidas, nos dão as leis sagradas.
 Agora, Doroteu, talvez trabalhes
 Em achar o motivo por que o chefe
 Concede tanto indulto aos seus soldados;
 Pois ele, Doroteu, não é o enigma,
- 375 -- Que vem nos doces versos de Vergílio,
 De umas flores, que têm de reis os nomes
 Escritos sobre as folhas, e do sitio
 De que três braças só do céu se avista.
 O chefe, Doroteu, só quer dinheiro;
- 375 -- E, dando aos militares regalias,
 Podem os grandes postos, que lhes vende,
 Subir à proporção, também, de preço.
 Tu assim o conheces, Cata Preta,
 Pois deste mil oitavas, por trazeres
- 385 -- Lavrado castão de ouro sobre a cana.
 Tu também, Capanema, assim discorres,
 Pois largaste seiscentas, por vestires
 De capitão maior vermelha farda.
 Todos assim o julgam. Ah! só pensa
- 390 -- De diversa maneira aquele néscio
 Que sofreu que Matúcio lhe rompesse
 A passada patente à sua vista,
 Por não largar, de luvas, os trezentos.
 Dize-me, Doroteu, um chefe sábio
- 395 -- Levanta nas conquistas umas tropas,
 Com que não pode a força do distante
 Conquistador império? Infunde, inspira
 Nos cabos tanto orgulho, que se atrevam
 A resistir aos mesmos magistrados,
- 400 -- Que a pessoa do augusto representam?
 Maldito, Doroteu, maldito seja
 Um bruto, que só quer a todo custo,
 Entesourar o sórdido dinheiro.

CARTA 10ª

Em que se contam as desordens maiores que Fanfarrão fez no seu governo.

- Quis, amigo, compor sentidos versos
 A uma longa ausência, e, para encher-me
 De ternas expressões, de imagens tristes,
 À banca fui sentar-me, com projeto
- 5 -- De ler, primeiramente, algumas obras
 No meu já roto, destroncado Ovídio.
 Abri-o nas saudosas elegias;
 E, quando me embebia na leitura
 Dos casos lastimosos que ele pinta,
- 10 -- Na passagem que fez ao Ponto Euxínio
 Encontro aqueles versos que descrevem
 As ondas decumanas; de repente
 Me sobe ao pensamento que estas eram
 Do nosso Fanfarrão imagem viva.
- 15 -- Os mares, Doroteu, jamais descansam;
 Agitam sem cessar as verdes águas,
 E, depois que levantam ondas nove,
 Com menos fortidão, despedem outra,
 Que corre mais ligeira e que se quebra
- 20 -- Nos musgosos rochedos com mais força.
 Assim o nosso chefe não descansa
 De fazer, Doroteu, no seu governo,
 Asneiras sobre asneiras; entre as muitas,
 Que menos violentas nos parecem,
- 25 -- Pratica outras que excedem muito e muito
 As raias dos humanos desconcertos.
 Perdoa, minha Nise, que eu desista
 Do intento começado. Tu mil vezes
 Nos meus olhos já leste os meus afetos,
- 30 -- Não careces de os ler nos meus escritos.
 Perdoa, pois, que eu gaste as breves horas
 A contar as asneiras desumanas
 Do nosso Fanfarrão ao caro amigo.
 E tu, meu Doroteu, antes que leias
- 35 -- O que vou a contar-te, jurar debes
 Pelos olhos da tua amada esposa,
 Por seu louro cabelo, e pelo dia
 Em que viste, na sua alegre boca,
 O primeiro sorriso, que não hás de
- 40 -- Duvidar do que leres, bem que sejam
 Desordens que pareçam impossíveis.

- A Junta, Doroteu, a quem pertence
 Evitar contrabandos, prende, envia
 À sabia Relação do Continente
- 45 -- A trinta delinquentes, para serem
 Castigados conforme os seus delitos.
 Entende o nosso chefe que esta Junta
 Não devia mandar aos malfeitores

- Sem sua autoridade, e dela toma
- 50 -- O mais estranho, bárbaro despique:
Manda embargar aos presos na cadeia
Do nosso Santiago, e manda ao pobre
Do condutor meirinho que os sustente,
Assistindo também aos que enfermarem
- 55 -- Com médicos, remédios e galinhas.
Acaba-se o dinheiro que lhe deram
Para fazer os gastos do caminho;
Recorre, neste aperto, ao bruto chefe,
Expõe-lhe que não tem com que alimento
- 60 -- Ao menos a si próprio; pede e roga
Que o deixe recolher à pátria terra,
Para nela exercer seu pobre ofício.
Tão terna rogativa não merece
Do chefe a compaixão; antes lhe ordena
- 65 -- Que assista, como dantes, aos culpados
De todo o necessário, na enxovia;
Que, a faltar-lhe o dinheiro para os gastos,
Ou que o peça, ou que o furete. Caro amigo,
Da boca de uma Fúria sairia
- 70 -- Mais dura decisão? Por que motivo
Deve um pobre meirinho dar sustento
A mais de trinta presos? São seus filhos?
E, ainda a serem filhos, um pai justo,
Que fazenda não tem, vive obrigado
- 75 -- A sustentar infames malfeitores,
Por meio de culpáveis latrocínios?
Suponho, Doroteu, suponho ainda
Que a Junta fez excesso na remessa
Dos presos, sem licença. Neste caso
- 80 -- Merece o condutor algum castigo?
Ele fez outra coisa que não fosse
Cumprir o que mandaram seus maiores?
Podia repugnar-lhes, sem delito?
Amigo Doroteu, o nosso chefe
- 85 -- É qual mulher ciosa, que não pode
Vingar no vário amante os duros zelos,
E vai desaforar as suas iras,
Bebendo o sangue de inocentes filhos.
Depois de se passarem alguns anos,
- 90 -- Depois que o bom meirinho já não tinha
Vestido que vendesse, nem pessoa
Que um chavo lhe fiasse, o bruto chefe
Passa a fazer-um novo despotismo:
Ordena que os culpados sejam soltos,
- 95 -- E, dizem, lhes mandava vinte oitavas,
Para os gastos fazerem da fugida.
Até aqui pagou o seu desgosto
O pobre condutor; agora o paga
A triste, aflita pátria, pois lhe aumenta

- 100 -- Dos torpes malfeitores a quadrilha.
 É esta, Doroteu, a sua gente;
 Trafica em coisa santa, no comércio
 Da compra e mais da venda de seixinhos,
 Negócio avantajado e mais seguro
- 105 -- Que o meter entre os fardos das baetas,
 Os pesados galões e as drogas finas.
 Preza o bravo leão aos leões bravos,
 A fraca pomba preza as pombas fracas,
 E o homem, apesar do raciocínio,
- 110 -- Que a verdade lhe mostra, estima aos homens
 Que têm iguais paixões e os mesmos vícios.
 Avisam ao bom chefe que um ministro
 Queria que os soldados lhe mostrassem
 As ordens com que entravam a fazerem
- 115 -- Prisões no seu distrito. Investe o bruto
 Qual touro levantado, a quem acenam,
 C'os vermelhos droguetes, os capinhas;
 Escreve-lhe uma carta, em que lhe ordena
 Lhe dê logo as razões, em que se funda.
- 120 -- Inda pede as razões, e já lhe estranha
 O néscio proceder. Aqui não pára
 Tão rápida desordem: manda um corpo
 De ousados militares, que conduzam
 Ao magistrado, a carta, e lhes ordena
- 125 -- Que fiquem nesta vila sustentados
 À custa, Doroteu, do aflito povo.
 Não se concede ao pobre que sustente,
 Em casa, o seu soldado; manda o chefe
 Que a cada um se dê, em cada um dia,
- 130 -- Para sustento, meia oitava de ouro,
 Fora milho e capim para o cavalo,
 E não entrando aqui o régio soldo.
 Que santo proceder! Um Deus irado,
 Se houvessem sete justos, perdoava
- 135 -- Os imensos delitos de Sodoma,
 E o nosso grande chefe, pelo crime,
 Pelo sonhado crime de um só homem,
 Castiga, como réu de majestade,
 Formado de inocentes, todo um povo.
- 140 -- Faz penhora Macedo em certas barras
 Que a um seu devedor devia Mévio;
 Recorre ao magistrado Silverino,
 Pedindo que mandasse que o dinheiro
 A juízo viesse, pois queria
- 145 -- Sobre ele disputar a preferência,
 Na forma que concede a lei do reino.
 Cita-se ao triste Mévio, e deposita
 As barras em juízo, prontamente.
 Conhece Silverino que Macedo

150 -- Para a vitória tem melhor direito;
 Não quer seguir a causa na presença
 De um reto magistrado, que profere,
 Na forma que as leis mandam, as sentenças.

Recorre ao general, e o bruto chefe
 155 -- Decide desta sorte o longo pleito:
 Habita nesta terra um homem rico,
 Que tem de Albino o nome, e, dizem, trata
 A Mévio, devedor, por seu sobrinho.
 Manda pois, Doroteu, o grande chefe

160 -- Que Albino se recolha na cadeia
 E more com os negros na enxovia,
 Enquanto não pagar a Silverino
 Outra tanta quantia, quanta Mévio
 Depositou, doloso, por que houvesse

165 -- Entre os dois acredores um litígio.
 Eis aqui, Doroteu, o que é ciência!
 As nossas leis não querem que o pai solva
 O calote que fez o próprio filho,
 E quer um general que Albino pague,

170 -- Da sórdida masmorra, novamente,
 A soma que pagou o bom sobrinho!
 Aonde existe o dolo? A lei não manda
 Que todo o que temer que alguém lhe peça
 Segundo pagamento, se segure

175 -- Metendo no depósito o que deve?
 Pois se isto nos faculta o são direito,
 Que delito comete aquele triste
 Que a dívida em juízo deposita,
 Quando o sábio juiz assim o manda,

180 -- Porque o mesmo credor assim o pede?
 E se Mévio fez dolo, por que causa
 Há de Albino pagar a culpa dele?
 Porque lhe aconselhou que não pagasse
 Outra tanta quantia a Silverino?

185 -- Aconselhar conforme as leis do reino
 É culpa que mereça um tal castigo?
 E pode ser castigo regulado
 Pagar o conselheiro aquela soma
 Que o mesmo aconselhado não devia?

190 -- Não é isto furto? Não é violência?
 Ah! pobre, ah! pobre povo, a quem governa
 Um bruto general, que ao céu não teme,
 Nem tem o menor pejo de lhe verem
 Tão indignas ações os outros homens!

195 -- Há neste regimento um moço Adônis,
 Amores de uma escrava, cuja dona
 Depois de cativar a muitos peitos,
 Ao nosso herói atou, também, ao carro

Dos seus cruéis triunfos. Cego nume!

- 200 -- Qual é, qual é dos homens que não honra,
 Com puros sacrifícios, teus altares?
 Tu vences os pequenos, mais os grandes,
 Tu vences os estultos, mais os sábios,
 Tu, vences, que inda é mais, as mesmas feras,
 205 -- E, bem que cinja o grosso peito d'aço,
 Não pode resistir às tuas setas
 O duro coração do próprio Marte.

Intenta este soldado que o ministro
 Lhe remate umas casas, e consegue

- 210 -- Um despacho do chefe, em que decreta
 Que nelas ninguém lance: coisa estranha
 Que, entendo, nunca viu nenhuma idade!
 O reto magistrado, que respeita,
 Mais que ao chefe, as leis do seu monarca,
 215 -- Ordena que o porteiro, incontinenti,
 As pertendidas casas meta a lanço.
 Honrado cidadão o preço cobre;
 O porteiro passeia pela rua,
 Repete, em alta voz, o lanço novo
 220 -- E prossegue a falar, assim dizendo:
 “Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três,
 Dou-lhe outra mais pequena, afronta faço;
 Se ninguém mais me oferece, arremato”.
 Ao lanço do Brandúcio ninguém chega,
 225 -- Informado o juiz, ordena e manda
 Que o prédio se remate; então se chega
 O porteiro risonho ao licitante,
 E lhe diz — “que lhe faça bom proveito” —
 Ao mesmo tempo que lhe entrega o ramo.
 230 -- Parte logo o soldado e conta ao chefe
 O sucesso da praça. O bruto monstro,
 Julgando profanado o seu respeito,
 Manda lançar no pobre licitante
 Um pesado grilhão e manda pô-lo,
 235 -- Ajoujado com um despido negro,
 A trabalhar nas obras da cadeia.
 O preso injuriado desfalece
 E o chefe desumano desce à rua
 Para que possa de mais perto vê-lo.
 240 -- Sucede a um desmaio outro desmaio;
 O negro companheiro, então, lhe acode,
 Nos braços compassivos o sustenta;
 Porém o velho chefe, que deseja
 O vê-lo ali morrer, por um soldado
 245 -- Manda ao negro dizer que ao preso deixe
 E cuide em prosseguir no seu trabalho.
 Os mesmos desumanos, que rodeiam
 Tão bruto general, aqueles mesmos

Que, alegres, executam seus mandados,
 250 -- Apenas escutaram tal preceito,
 Um pouco emudeceram e tiveram
 Os rostos tristes, muito tempo, baixos.
 Os outros, Doroteu, deram suspiros
 E, bem que forcejaram, não puderam
 255 -- Fazer que os olhos não se enchessem d'água.

Eu creio, Doroteu, que tu já leste
 Que um César dos romanos pertendera
 Vestir ao seu cavalo a nobre toga
 Dos velhos senadores. Esta história
 260 -- Pode servir de fábula, que mostre
 Que muitos homens, mais que as feras brutos,
 Na verdade conseguem grandes honras!
 Mas ah! prezado amigo, que ditosa
 Não fora a nossa Chile, se antes visse
 265 -- Adornado um cavalo com insígnias
 De general supremo, do que ver-se
 Obrigada a dobrar os seus joelhos
 Na presença de um chefe, a quem os deuses
 Somente deram a figura de homem!
 270 -- Então, prezado amigo, o néscio povo
 Com fitas lhe enfeitara as negras clinas,
 Ornara a estrebaria com tapetes,
 Com formosas pinturas, ricos panos,
 Bordados reposteiros e cortinas;
 275 -- Um dos grandes da terra lhe levara
 Licor, para beber, em baldes d'ouro,
 Outro lhe dera o milho em ricas salvas;
 Mas sempre, Doroteu, aqueles néscios
 Que ao bruto respeitassem, poderiam
 280 -- Servi-lo acautelados e de sorte
 Que dar-lhes não pudesse um leve coice.
 Eis aqui, Doroteu, o que nos nega
 Uma heróica virtude. Um louco chefe
 O poder exercita do monarca
 285 -- E os súditos não devem nem fugir-lhe
 Nem tirar-lhe da mão a injusta espada.
 Mas, caro Doroteu, um chefe destes
 Só vem para castigo de pecados.
 Os deuses não carecem de mandarem
 290 -- Flagelos esquisitos; quase sempre
 Nos punem com as coisas ordinárias.
 O mundo inda não viu senão um corpo
 Em branco sal mudado, e só no Egito
 Fez novas penas de Moisés a vara.
 295 -- Perguntarás agora que torpezas
 Comete a nossa Chile, que mereça
 Tão estranho flagelo? Não há homem
 Que viva isento de delitos graves,

E, aonde se amontoam os viventes
 300 -- Em cidades ou vilas, aí crescem
 Os crimes e as desordens, aos milhares.
 Talvez, prezado amigo, que nós, hoje,
 Sintamos os castigos dos insultos
 Que nossos pais fizeram; estes campos
 305 -- Estão cobertos de insepultos ossos
 De inumeráveis homens que mataram.
 Aqui os europeus se divertiam
 Em andarem à caça dos gentios
 Como à caça das feras, pelos matos.
 310 -- Havia tal que dava aos seus cachorros,
 Por diário sustento, humana carne,
 Querendo desculpar tão grave culpa
 Como dizer que os gentios, bem que tinham
 A nossa semelhança enquanto aos corpos,
 315 -- Não eram como nós enquanto às almas.
 Que muito, pois, que Deus levante o braço
 E puna os descendentes de uns tiranos
 Que, sem razão alguma e por capricho,
 Espalharam na terra tanto sangue!

CARTA 11^a

Em que se contam as brejeirices de Fanfarrão.

No meio desta terra há uma ponte,
 Em cujos dois extremos se levantam
 De dois grossos rendeiros as moradas;
 E, apenas, Doroteu, o sol declina
 5 -- A descansar de Tétis no regaço,
 Neste agradável sítio vão sentar-se
 Os principais marotos e, com eles,
 A brejeira família de palácio.

Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
 10 -- As horas em conversa deleitosa:
 Um conta que o ministro, à meia noite,
 Entrara no quintal de certa dama;
 Diz outro que se expôs uma criança,
 À porta de Florício, e já lhe assina
 15 -- O pai e mais a mãe; aquele aumenta
 A bulha que Dirceu com Lauro teve
 Por ciúmes cruéis da sua amásia;
 Este chama a Simplicio caloteiro
 E mofa, ao mesmo tempo, de Frondélio,
 20 -- Que o seu dinheiro guarda. Enfim, amigo,
 Aqui, aqui de tudo se murmura.

Só se livra da língua venenosa
 O que contrata em vendas de despachos
 E quem se alegra ao ver que a sua moça
 25 -- Ajunta, pela prenda, um par de oitavas:
 Que os membros do congresso são prudentes
 E não querem que alguns dos companheiros
 Tomem esta conversa em ar de chasco.
 Amigo Doroteu, ah! neste sítio
 30 -- Eu não me dilatara um breve instante
 Em dia de trovões, bem que estivesse
 Plantado todo de loureiros machos!

Por este sítio, pois, passei há pouco
 Cuidando que, por ser mui cedo ainda,
 35 -- Não toparia a corja dos marotos.
 Mas, apenas a vi, fiquei tremendo,
 Qual fraco passageiro, quando avista,
 Em deserto lugar, pintadas onças.
 Contudo, Doroteu, criei esforço
 40 -- E fui atravessando pelo meio,
 Rezando sempre o credo e, por cautela,
 Fazendo muitas cruzes sobre o peito.
 Apenas me salvei daquele risco,
 Um suspiro soltei, que encheu os ares,
 45 -- E, voltando o semblante para o sítio,
 Em que os tais mariolas se assentavam,
 Meneando a cabeça um par de vezes
 E soltando um sorriso, em ar de mofa,
 Dentro do meu discurso, assim lhes falo:
 50 -- “Vocês, meus mariolas, meus tratantes,
 Estão contando histórias das pessoas
 De quem não são afetos, por que as levem
 Aos ouvidos do chefe os seus lacaios;
 Pois eu também já vou contar verdades,
 55 -- Em que possam falar os homens sérios
 Inda daqui a mais de um cento de anos.”
 Recolhi-me à choupana e, de repente,
 Sem tirar a gravata do pescoço,
 Entrei a pôr em limpo esta cartinha,
 60 -- Que já, pelo caminho, vim compondo.

Entendo, Doroteu, que as nossas almas
 Não são todas iguais; que o grande Jove
 Fez umas de matéria muito pura,
 Fez outras de matéria mais grosseira,
 65 -- Por não perder as borras que ficaram.
 Entendo, ainda mais, que o dispenseiro,
 Quando lhe vão pedir algumas almas,
 Vai dando aquelas que primeiro encontra.
 Por isto, às vezes, nascem os mochilas

70 -- Com brios de fidalgos, outras vezes
 Os nobres com espíritos humildes,
 Só dignos de animarem vis lacaios.
 O nosso Fanfarrão, prezado amigo,
 Nos dá mui boa prova: não se nega
 75 -- Que tenha ilustre sangue, mas não dizem
 Com seu ilustre sangue as suas obras.

Apenas, Doroteu, a noite chega,
 Ninguém andar já pode, sem cautela,
 Nos sujos corredores de palácio.

80 -- Uns batem com os peitos noutros peitos;
 Outros quebram as testas noutras testas;
 Qual leva um encontrão, que o vira em roda;
 E qual, por defender a cara, fura,
 Com os dedos que estende, incautos olhos.

85 -- Aqui se quebra a porta e ninguém fala;
 Ali range a couceira e soa a chave;
 Este anda de mansinho, aquele corre;
 Um grita que o pisaram, outro inquire
 “Quem é?” a um vulto, que lhe não responde.

90 -- Não temas, Doroteu, que não é nada,
 Não são ladrões que ofendam, são donzelas
 Que buscam aos devotos, que costumam
 Fazer, de quando em quando, a sua esmola.
 Chegam-se, enfim, as horas, em que o sono

95 -- Estende, na cidade, as negras asas,
 Em cima dos viventes espremendo
 Viçosas dormideiras. Tudo fica
 Em profundo silêncio; só a casa,
 A casa aonde habita o grande chefe,

100 -- Parece, Doroteu, que vem abaixo.
 Fingindo a moça que levanta a saia
 E voando na ponta dos dedinhos,
 Prega no machacaz, de quem mais gosta,
 A lasciva embigada, abrindo os braços;

105 -- Então o machacaz, mexendo a bunda,
 Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
 Ou dando alguns estalos com os dedos,
 Seguindo das violas o compasso,
 Lhe diz — “eu pago, eu pago” — e, de repente,

110 -- Sobre a torpe michela atira o salto.
 Ó dança venturosa! Tu entravas
 Nas humildes choupanas, onde as negras,
 Aonde as vis mulatas, apertando
 Por baixo do bandulho a larga cinta,

115 -- Te honravam, c'os marotos e brejeiros,
 Batendo sobre o chão o pé descalço.
 Agora já consegues ter entrada
 Nas casas mais honestas e palácios!
 Ah! tu, famoso chefe, dás exemplo.

- 120 -- Tu já, tu já batucas, escondido
 Debaixo dos teus tetos, com a moça
 Que furtou ao senhor o teu Ribério!
 Tu também já batucas sobre a sala
 Da formosa comadre, quando o pede
- 125 -- A borracha função do *santo* Entrudo.
 Ah! que isto, sendo pouco, e muito!
 Que os exemplos dos chefes logo correm
 E correm muito mais, quando fomentam
 Aqueles vícios, a que os gênios puxam.
- 130 -- O tempo, Doroteu, voando foge,
 E nunca os de palácio imaginaram
 Que tão veloz fugia, como agora.
 Acaba-se a função, e chega o dia;
 vem abrir as janelas um criado,
- 135 -- E o chefe lhe pergunta que algazarra
 Fizeram os mais servos toda a noite,
 Que o não deixou dormir um breve instante.
 O criado, que sabe que o bom chefe
 Só quer que lhe confessem a verdade,
- 140 --O sucesso lhe conta, desta sorte:
 “Fizemos esta noite um tal batuque!
 Na ceia todos nós nos alegramos,
 Entrou nele a mulher do teu laçao;
 Um só, senhor, não houve que, lascivo,
- 145 -- Com ela não brincasse; todos eles,
 De bêbedos que estavam, não puderam
 O intento conseguir; só eu, mais forte...”
 Apenas isto diz o vil criado,
 O chefe as costas vira e lhe responde,
- 150 -- Soltando um grande riso: “Fora, fracos!”

- Já disse, Doroteu, que as mocetonas
 Só entram em palácio quando estende
 A noite, sobre a terra, a negra capa;
 Que a formosa virtude da cautela
- 155 -- Até parece bem, naquele mesmo
 A quem a profissão lhe não exige
 Que viva recatado, como vivem
 As moças, que inda querem ser donzelas.
 Agora, Doroteu, julgar já podes
- 160 -- Que saem de palácio muito cedo.
 Assim é, Doroteu; as donzelinhas
 Pela porta travessa vão saindo,
 Mal tocam as garridas à primeira.
 Mas a bela Rosinha fica e dorme,
- 165 -- Nos braços de Matúcio, a madrugada;
 Só sai de dia claro, e o grande chefe
 Lhe atira uma pedrinha da janela,
 Só para que lhe dê um ar de graça!

Que grande estimação, Rosica bela!

170 -- Aqui se mostra bem, que as outras moças

Não trazem, como trazes, lucro à casa.

Não há, prezado amigo, quem não queira

Mostrar-se liberal com sua dama.

Para dar-lhe o vestido, mais a capa,

175 -- O manto, a saia, a meia, a fita, o pente.

Tira o pobre de si e, destro, furta

O peralta rapaz ao pai jarreta.

Eu mesmo, Doroteu, que fui dos santos

Que em Salamanca andaram, umas vezes

180 -- Doenças afetava, outras fingia

Necessitar de livros, ou de um traste,

Para mandar de mimo a certo lente.

Maldita sejas tu, harpia Olaia,

Que, enquanto não abria a minha bolsa,

185 -- Não mostravas, também, alegre, os dentes!

Esta paixão, amigo, que nos vence,

Nos próprios animais também se observa:

Esgravatam os galos sobre a terra

E, mal topam o grão ou a migalha,

190 -- Contentes cacarejam, por que a moça

Se vá utilizar do seu trabalho.

O nosso ilustre chefe, que se julga

De mui diversa massa do que somos,

Neste ponto, também, também conhece

195 -- Que está sujeito à miséria d'homem.

Nas obras, doce amigo, da cadeia,

Trabalham jornaleiros por salário.

Aqueles que carregam cal e pedra

Só ganham, por semana, meia oitava;

200 -- Aqueles que trabalham de canteiro

Ao menos ganham, cada dia, um quarto.

Tem, pois, certa mocinha quatro negros

Que apenas são serventes, mas o chefe

Ordena que, na fêria, se lhes pague

205 -- A quarto os seus jornais, e creio, amigo,

Que ainda não consente se descontem

Os muitos dias que nas obras faltam.

As casas onde mora esta madama

Ainda não estavam acabadas;

210 -- Agora já de longe a cal alveja,

Quem entra dentro delas já recreia

Os olhos nas pinturas das paredes

E teto apainelado, a quem, um dia,

Supria, Doroteu, a grossa esteira.

215 -- Não quis o nosso herói chamasse a moça,

Para mestre das obras, um pedreiro,

Entregou o conserto ao grão-tenente,

Que o fez baratinho, c'o massame
Que pertencia às obras da cadeia.

- 220 -- Entende Fanfarrão que não devia
Deixar ao desamparo a sua dama;
Que a lei da Igreja pede que amparemos
As que, por nossa culpa, se perderam,
E a lei da fidalguia, que professa
- 225 -- O nosso chefe, manda que ele ampare
As mesmas, que na fama já têm nota,
Contanto que isto seja à custa alheia.
Chama, pois, o bom chefe a um peralta,
Que era cabo de esquadra, e lhe comete
- 230 -- A glória de casar com uma dama
Que, se não fez descer dos céus à terra
Ao Supremo Tonante, fez, contudo,
Humanizar um chefe, que descende
Da mais distinta, mais soberba raça.
- 235 -- Que súbita alegria banha o rosto
Deste inocente cabo! Nos seus olhos
As lágrimas rebentam, e os seus beijos
Formar não podem uma só palavra.
A dita, Doroteu, é muito grande.
- 240 -- Que fortuna não é casar um pobre
Com a rica viúva de um fidalgo?
Chamar ao fidalguinho, que ele deixa,
Ou enteado ou filho? Aparentar-se
Com todos os magnates desta terra
- 245 -- Em grau tão conhecido e tão chegado?
Esta grande ventura, doce amigo,
Para todos não é. O negro demo
A guarda para prêmio dos serviços
Dos chefes principais dos seus bandalhos.
- 250 -- Mas ah! prezado amigo, que o bom chefe
Já manda aparelhar as magras bestas,
Que têm de conduzir-lhe o pobre fato
Que trouxe lá da corte, e se o casquilho
Não chega a receber a cara esposa
- 255 -- Primeiro que ele, no governo, morra,
Bem pode ser, amigo, se arrependa
E que, depois de ter cingido a banda
E empunhado o bastão, lhe pregue o mono.
Faltaram às promessas outros homens,
- 260 -- Que, de honrados, nos deram muitas provas.
Como faltar não pode ao seu ajuste
Um fraco coração, uma alma indigna
Que, por tão baixo preço, a honra vende?
Cautela e mais cautela; sim, o chefe
- 265 -- Não saberá mandar armadas tropas,
Nem saberá reger as cultas gentes,

Mas, para o não lograrem, sabe, astuto,
 Dar todas as cadimas providências.
 Escreve ao velho bispo e lhe suplica
 270 -- Que em todos os três banhos o dispense;
 Não expende razão que justa seja;
 Porém o velho bispo tem bom gênio
 E em todos os proclamas o dispensa;
 Que ele tem grandes letras e bem sabe
 275 -- Que os cânones da igreja não pensaram
 Da espécie singular de quando um chefe
 Quer, à pressa, casar a sua amásia.
 Ah! se ele estas desordens não fizera,
 Não daria motivo a ser cantado
 280 --Por sábia, oculta musa, em um poema!

Agora inquirirás, prezado amigo,
 Se é este sábio bispo aquele mesmo,
 Que o bruto Fanfarrão, em certo dia,
 Meteu na sua sege, ao lado esquerdo?
 285 -- É este, sim, senhor, o mesmo bispo,
 A quem o nosso chefe desalmado,
 Enquanto governou a nossa Chile,
 Já dentro de palácio e já na rua,
 Tratou como quem trata um vil podengo.
 290 --De novo inquirirás: "Então um chefe,
 Que trata dessa sorte ao seu prelado,
 Atreve-se a pedir-lhe que lhe faça
 Dispensa em uma lei, a benefício
 Da sua torpe amásia?" Eu, doce amigo,
 295 -- Ainda duvidara, se pedira
 Me desse absolvição dos meus pecados,
 Ao ver-me para dar a Deus minha alma.
 O mesmo, Doroteu, também fizeras;
 Mas tu, prezado amigo, não conheces
 300 -- O sistema que tem tão vil canalha.
 Uma mui grande parte destes chefes
 Assenta em procurar seu interesse
 Por todos os caminhos, e acredita
 Que o brio e pundonor, que nós prezamos,
 305 -- São umas vãs fantasmas, que só devem
 Honrar de simples voz aqueles homens,
 Que vêm de uma distinta e velha raça.
 Para estes a nobreza está nos termos
 Do sórdido monturo em que se deita
 310 -- Quanta imundície têm as velhas casas.
 Ditoso de quem vive, neste mundo,
 No estado de ver rir os outros homens
 Das suas vis ações, sem que lhe suba
 Um vermelho sinal de pejo à cara!
 315 -- Mas ah! meu doce amigo, quanto, quanto
 Se enganam estes monstros, que a nobreza

É um vestido branco, aonde, logo,
Aos olhos aparece a leve mancha!

Já chega, Doroteu, o alegre dia.

320 -- O dia venturoso do noivado.

Entra no santo templo a linda esposa,
Coberta toda de umas novas graças.
Os seus louros cabelos não flutuam,
Levados pelo vento, a toda parte;

325 -- Em tranças se dividem e se prendem

No pente, a quem esconde um branco laço;
Nos cabelos da frente resplandecem
Das pedras de mais custo os fogos vários;
A sua testa iguala à pura neve

330 -- E são da cor da rosa as suas faces;

São pérolas mimosas os seus dentes,
As gengivas rubis, e os grossos beiços
Estão cobertos dos cheirosos cravos.
Talvez, talvez não fosse tão formosa

335 -- A mesma, que obrigou ao forte Aquiles

A que, terno, vestisse a mole saia.

Neste sagrado templo não se adora
A imagem do Himeneu; aqui os noivos,
Para prova da fé que, eterna, dura,

340 -- Não recebem na mão acesa tocha.

Ministro do Senhor é quem os prende,
Cobrindo as castas mãos, com que se enlaçam,
Co'a branca ponta da pendente estola.
Aqui lascivas graças, nus amores

345 -- Não cercam os consortes, nem meneiam,

Em torno dos altares e das piras,
Os vistosos festões de lindas flores.
Aqui, aqui só entram as virtudes,
A cândida modéstia, a inocência,

350 -- A santa honestidade e a vergonha.

São estas e não outras as que correm
A receber, à porta do edifício,
Os sinceros amantes; sim, são estas,
São estas e não outras, as que espalham,

355 -- Debaixo dos seus pés, cheirosas folhas

E as que fazem queimar, sobre os braseiros,
O incenso devoto e os mais aromas.
Recebem estes gênios aos dois noivos
E ao ministro do altar os apresentam.

360 -- Ah! formosa Marília, agora, agora

Se aumentam tuas graças, pois te aviva
A cor da linda face um novo pejo!
Com que custo não dás a mão nevada
Ao teu amado Adônis, que a recebe

365 -- Como quem lucra nela o seu tesouro!

Já não veste Jelônio a grossa farda
 Com divisas de lã e, sobre a testa,
 Não põe a barretina, que enfeita
 Com armas e botões de grosso estanho.

370 -- Já não cinge as correias amarelas,
 Nem carrega, na cinta, o peso enorme
 Dos férreos copos da comprida espada.
 Jelônio se mudou, Jelônio é outro.
 Já brilham, nos canhões, os alamares

375 -- Das finas lentejoulas, e, nos ombros,
 Já brilham as dragonas, enfeitadas
 C'os grandes cachos das lustrosas flores.
 Jelônio se mudou, Jelônio é outro.
 A veste de cetim já resplandece

380 -- Orlada co' o galão da fina prata,
 E, por cima da veste, já se enrola,
 Na cintura, a vermelha e rica banda.
 Jelônio se mudou, Jelônio é outro.
 Como está belo! Como está casquilho!

385 -- Concerta do babado a fina renda,
 Olha uma e outra vez os alamares,
 Endireita a cucula, estende a perna;
 Não consente um só fio sobre a farda;
 Levanta o pescocinho, morde os beiços,

390 -- E o seu cabelo, com a mão, afaga.
 Jelônio se namora de si mesmo,
 Ainda, ainda mais que o terno Adônis,
 Quando viu o seu rosto dentro d'água.
 Jelônio se mudou, Jelônio é outro.

395 -- Então, os militares que o rodeiam,
 Amado Doroteu, risonhos, mofam.
 Um pisa com o pé nos pés vizinhos;
 Puxa outro pelas pontas das fardetas
 Aos amigos chegados; este acena

400 -- C'os olhos e cabeça aos companheiros
 Que lhe ficam defronte; aquele tapa,
 Fingindo que tem tosse, a alegre boca;
 Qual foge da presença... mas que vejo!
 Tu, Doroteu, carregas sobre os olhos

405 -- As grossas sobrancelhas? Tu enrugas
 A testa levantada? Tu inflamas
 As faces já desfeitas e suspiras?
 Acaso tu presumes que eu murmuro
 Do fato de casar o nosso chefe

410 -- A sua terna amásia? Não, amigo,
 Eu conheço, também, aonde chegam
 Os deveres de quem nasceu fidalgo:
 Obrou o nosso chefe o que eu faria.
 Murmuro, Doroteu, mas é do dote;

415 -- Do dote, sim, do dote. Dize, a banda,

O castão de coquilho, as mais insígnias,
São dotes que se dêem a um soldado,
Porque serviu ao chefe, em receber-lhe,
Sem vergonha do mundo, a sua amiga?

420 -- Não achas insolência e desaforo
Ver os porta-bandeiras, os cadetes,
E os furriéis já velhos, preteridos
Só para premiar-se com o posto,
Que por lei lhes pertence, um torpe crime?

425 -- São estes, Doroteu, os grandes cabos,
De quem a triste pátria fiar deve
A sua salvação? São estes? Dize...
Agora já te calas. Pois não tornes
A mostrar-me, outra vez, o gesto irado,
430 -- Que um dia hei-de enfadar-me e, se me enfadas,
Ainda que me peças de joelhos,
Não hás-de receber da minha pena,
Em verso ou prosa, mais uma só carta.

CARTA 12^a

Aquele que se jacta de fidalgo
Não cessa de contar progenitores
Da raça dos suevos, mais dos godos;
O valente soldado gasta o dia

5 -- Em falar das batalhas, e nos mostra
Das feridas, que preza, cheio o corpo;
O louco namorado não descansa
Enquanto tem quem ouça as aventuras,
Que fez com as madamas, mais senhoras,

10 -- Benzendo-se mil vezes, quando chega
Aos lances apertados de ser visto
Dos maridos, dos pais e dos parentes,
Em que, só por milagre, não foi morto.
Assim, assim, também, o teu Critilo

15 -- Não cansa de escrever-te, enquanto encontra
Do tolo Fanfarrão, do indigno chefe,
Estranhas bandalhices, que te conte.
Ah! sofre, amigo, que te gaste o tempo,
Pois conter-se não pode, bem que queira,

20 -- Que a força da paixão assopra a chama,
A chama ativa do picante gênio.

Já sabes, Doroteu, aonde chega
Do nosso Fanfarrão a bizzarria,
Em premiar serviços de uma dama.

25 -- Agora, nesta carta, vou mostrar-te

Até aonde chegam as grandezas
 Que fez com os marotos, por que tenhas,
 Do seu fidalgo gênio noção clara.

- Qual negra tempestade, que carrega
 30 -- As nuvens de cupins e de formigas,
 Que criam, com as chuvas, longas asas,
 Assim o nosso chefe traz consigo,
 Arribação infame de bandalhos,
 Que geram também asas, com a muita,
 35 -- Nociva audácia que lhes dá seu amo.
 Na corja dos marotos aparece
 Um magriço mulato, a quem o chefe,
 Por ocultas razões estima e preza.
 Talvez que, noutro tempo, lhe levasse
 40 -- Os miúdos papéis às suas damas.
 Ocupação distinta, que já teve
 Um famoso Mercúrio, que comia
 Sentado à mesa dos mais altos deuses.
 Deseja o nosso chefe que este lucre
 45 -- Quatrocentas oitavas, pelo menos,
 E, para que não saiam de seu bolso,
 Descobre esta feliz e nova idéia:
 Dispõe dos bens alheios como próprios.
 No público teatro de Lupésio
 50 -- Ordena, Doroteu, se represente
 Uma vista comédia, por que fiquem,
 Para o velho mulato, os lucros dela.
 Ordena, ainda mais, que o seu Robério
 Os boletos reparta pelas damas,
 55 -- Pelos contratadores opulentos
 E por quantos casquilhos os quiserem
 Pagar, ao menos, por dobrado preço.
 Robério assim o faz; supõe, coitado,
 Que prometeu pedir alguma missa.
 60 -- E, junto c' o mulato, vai entrando
 Em uma e outra casa, aonde deixa
 Ou selado papel, para a platéia,
 Ou, com tábua pendente, a velha chave.
 Ah! nota, Doroteu, que ação tão feia!
 65 -- Aquele bruto chefe, que não paga
 Às pessoas mais nobres o cortejo
 Sequer por um criado, agora manda
 Que o seu próprio Robério, o seu bom aio,
 Ande de porta em porta, qual mendigo,
 70 -- Pedindo para um bode a benta esmola!
 Então, amigo, a quem? a quem? aos mesmos
 Que tem desfeitoado muitas vezes,
 E às pobres, que é mais, às pobres moças,
 Que hão de ganhar, à custa do seu corpo,
 75 -- Com que possam pagar deste convite

Um tão avantajado, indigno preço.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este leso!

Chegou-se, Doroteu, a noite alegre
80 -- Destinada à função, e o vil Robério
Dá nova prova de fervor e zelo:
Vai-se pôr, com o traste do mulato,
Na porta da platéia, e, quando acaba
A primeira jornada, também corre
85 -- Os cheios camarotes: fina idéia!
Para ver se os tolinhos assim largam,
Na copa do chapéu, que a esmola apanha,
Embrulhos de mais peso! Ah! doce amigo,
Quem bandalho nasceu, ainda que suba
90 -- Ao posto de major, morreu bandalho,
Que o tronco, se dá fruto azedo, ou doce,
Procede da semente e qualidade
Da negra terra, em que foi gerado.

Servia-se este chefe de um lacaio,
95 -- E, por não lhe pagar salário certo,
Deu neste arдил também: quando ia às festas
Lhe dava o seu brandão, e as mais pessoas,
Que estavam na tribuna, por obséquio,
Lhe davam as compridas, grossas velas.
100 -- Se dava algum despacho, de que vinha
Proveito à parte rica, lho entregava,
Por que fosse ganhar o grande prêmio
Com que os néscios, servidos, o brindavam.
Nas vésperas, amigo, da partida,
105 -- Tratou de lhe fazer maior a safra:
Passou atestações a todo mundo
E, sem saber se o mundo lhas queria,
Mandou ao mesmo servo as entregasse
E os prêmios do trabalho recolhesse!
110 -- Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este leso!

Havia, Doroteu... mas não gastemos
O tempo em referir mais bandalhices
Da mesma natureza; refiramos
115 -- Outras, que sejam de diversa classe.
Não quero, Doroteu, que o justo tédio,
Que infunde a semelhança, te duplique
O tédio que produz a minha frase.

Fizeram os devotos de uma imagem,
120 -- Da festa protetor, ao grande chefe.
Aceita o Fanfarrão do cargo a honra
E medita fazer um grão festejo.

- Ordena aos cavalheiros, que vieram
 Correr as argolinhas, em obséquio
 125 -- Do ditoso consórcio dos infantes,
 Que esperam, nesta terra, à sua custa,
 E que, nos dias da função, repitam
 Os feitos jogos, com o mesmo lustre.
 Manda que o grande curro, que o Senado
 130 -- Fez levantar na praia, permaneça,
 E venham os boizinhos, que, por serem
 Mais bravos do que os outros, se guardaram,
 Mal rapavam o chão e mal corriam,
 Atrás do mau capinha, no terreiro.
 135 -- Eis aqui, eis aqui, amigo, o como
 Se fazem coisas grandes, sem despesa.
 Manda mais o bom chefe que se aluguem
 Os palanques a quatro oitavas d'ouro,
 Para que se comprasse um patrimônio
 140 -- À sacrossanta imagem, deste lucro.
 Que sábias intenções, que fins tão santos!
 Celebram-se os festins e não escapa
 Um camarote só, que não se alugue;
 Mas deste rendimento não se sabe,
 145 -- Que a compra se meteu, de todo, à bulha.

- Não penses, Doroteu, que o nosso chefe
 Comeu este dinheiro. Longe, longe
 De nós este tão baixo pensamento.
 Indo já no caminho, o seu Matúcio
 150 -- Passou, sobre Marquésio, certa letra,
 Para que se pagasse ao Santo Cristo.
 Agora considera se este fato
 Não mostra que ele zela a consciência.
 Agora inquirirás se o tal Marquésio
 155 -- Pôs na sacada letra o seu “aceito”.
 Não pôs, não pôs, amigo, porque disse
 Que deste passador não tinha efeitos.
 Porém o bom Matúcio, mais seu amo,
 Levam as consciências descansadas,
 160 -- Pois não devem supor, pelo costume,
 Que a letra não pagasse o mau rendeiro.
 Maldita sejas tu, pouca vergonha,
 Que tanto influxo tens sobre este leso!

- Roubou um seu criado a certa escrava
 165 -- E dentro lha meteu do seu palácio.
 Conheceu o senhor quem fez o furto,
 E foi pedir ao chefe que mandasse
 Que o terno roubador restituísse
 A serva, com os lucros, pois cedia
 170 -- De toda a mais ação, que a lei lhe dava.
 Que entendes, Doroteu, que obrou o chefe?

Que fez um sério exame sobre o caso?
 Que, conhecendo ser a queixa justa,
 Meteu, em duros ferros, ao criado?
 175 -- Que não lhe perdoou, enquanto o mesmo
 Ofendido queixoso não lhe veio
 Suplicar o perdão da culpa grave?
 Devias esperar que assim fizesse,
 Mas, quando a razão pede certa coisa,
 180 -- Ele, então, executa o seu contrário.
 Não zela, Doroteu, a sã justiça,
 Nem zela a honra própria, maculada
 Na sua habitação, que o servo muda
 Em torpe lupanário. Não, não zela;
 185 -- Antes, prezado amigo, austero, estranha
 Ao mísero queixoso, que se atreva
 A supor que os seus servos são capazes
 De poderem obrar excessos destes.
 Maldita sejas tu, pouca vergonha,
 190 -- Que tanto influxo tens sobre este leso!

Passados alguns tempos, Ludovino
 Encontrou, uma noite, a sua escrava
 E à casa conduziu do bom Saônio,
 Aonde, em hospedagem, se abrigava.
 195 -- Aqui lhe perguntou a longa história
 Da fugida que fez, e a triste serva,
 Com ânimo sincero, assim lhe fala:
 “Ribério me induziu a que fugisse,
 Meteu-me no seu quarto, aonde estive
 200 -- Fechada muitos dias. Alugou-me,
 Depois, uma casinha; aqui me dava
 Dos sobejos da mesa de seu amo,
 Para eu alimentar a pobre vida.
 Tive dele dois filhos; o demônio
 205 -- Enganou-me, senhor, cuidei...” E, nisto,
 Queria mais dizer, porém, de pejo,
 As lágrimas lhe estalam, e se cortam
 As últimas palavras com suspiros.
 Agora dirás tu, amigo honrado:
 210 -- “Agora, agora sim, agora é tempo,
 Insolente Ribério, de nós vermos,
 Para exemplo dos mais, o teu castigo.
 Os soldados já marcham, já te prendem,
 Já vens maniatado, já te metem
 215 -- Na sórdida enxovia, já te encaixam
 No pescoço a corrente, e vais marchando
 Com rosto baixo, a ver Angola ou Índia.”
 Devagar, devagar com essas coisas:
 Os servos de palácio são os duques
 220 -- Do nosso Santiago, e não se prendem
 Por essas, nem por outras ninharias.

Atrevidos soldados já se aprontam,
 Mas não para prenderem a Ribério,
 Sim para conduzirem, entre as armas,
 225 -- Ao pobre Ludovino e à sua serva,
 Que já buscando vão a sua casa,
 Que dista desta terra muitas léguas.
 É o mesmo Ribério quem caminha
 A fazer, Doroteu, a diligência,
 230 -- Cobrindo a testa da insolente esquadra.
 Já viste, Doroteu, insultos destes?
 Já viste que pertenda um homem sério
 Que, à força, um bom senhor de si demita
 A escrava desonesta, porque possa
 235 -- Ficar na mancebia? Já, já viste
 Que se mande prender ao ultrajado
 Pelo mesmo ladrão? Ah! caro amigo
 Que destas insolências que te conto,
 Apenas pode ver quem mora em Chile!
 240 -- Maldita sejas tu, pouca vergonha,
 Que tanto influxo tens sobre este leso!

Há, nesta grande terra, um homem sábio
 E o único formado em medicina.
 A este bom doutor estimam todos,
 245 -- Por sua profissão, por seus talentos,
 Por seu afável modo e, mais que tudo,
 Pelas muitas virtudes que respira.
 Curava o nosso sábio a certo enfermo
 E, vendo a vária febre e os mais sintomas,
 250 -- Ordena que ele tome um copo d'água,
 A que dá de Inglaterra o povo o nome.
 Manda-lhe o boticário uma botelha,
 Que já servido tinha; o sábio, atento
 A que ela poderia ter perdido
 255 -- A força natural, a não aprova,
 E passa a receitar outro composto,
 Que possa produzir o mesmo efeito.
 Chorando, o boticário sobe ao chefe
 E diz-lhe que o doutor a rejeitara,
 260 -- Por ser seu inimigo e, desta sorte,
 Tirar-lhe da botica o bom conceito.
 Manda o chefe chamar aos boticários
 E manda que examinem a garrafa;
 Concordam os doutores que não tinha,
 265 -- Ainda corrupção, talvez por verem
 Que ainda conservava algum amargo.
 Então, então o chefe, enfurecido,
 Ordena ao ajudante que ali mesmo
 Avise ao professor que ele tem ferros,
 270 -- Cadeias e galés, com que reprima,
 Se neles prosseguir, os seus excessos.

Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este leso!

Pensavas, Doroteu, que o nosso chefe
275 -- Passasse à insolência, que refiro,
De insultar, por amor de um vil mulato,
Um velho professor tão bem aceito,
Um velho professor, além de sábio,
Na terra singular no seu ofício?
280 -- Não, meu prezado amigo, não pensavas;
Pois quero, Doroteu, dizer-te a causa:
Esta grave ameaça e grave insulto
Foi feita em tom de paga, porque o bode
Curava, cuidadoso, ao próprio chefe,
285 -- De mal oculto, que a modéstia cala.
Maldita sejas tu, pouca vergonha,
Que tanto influxo tens sobre este leso!

Ah! dize, Doroteu, por que motivo
O pai de Fanfarrão o não pôs antes
290 -- Na loja de algum hábil sapateiro,
C'os moços aprendizes deste ofício?
Agora dirás tu: "Nasceu fidalgo,
E as grandes personagens não se ocupam
Em baixos exercícios." Nada dizes.
295 -- Tonante, Doroteu, é pai dos deuses:
Nasceu-lhe o seu Vulcano e nasceu feio.
Mal o bom pai o viu, pregou-lhe um coice
Que o pôs do Olimpo fora, e o pobre moço
Foi abrir uma tenda de ferreiro.

CARTA 13ª

Ainda, caro amigo, ainda existem
Os vestígios dos templos suntuosos,
Que a mão religiosa do bom Numa
Ergueu a Marte e levantou a Jano.
5 -- Ainda, ainda lemos que elegera,
Para estas divindades, sacerdotes,
E que muitas donzelas consagrara,
A fim de conservar-se, aceso, o fogo,
Em o templo de Vesta, sobre as aras.
10 -- Também, também sabemos que este sábio,
Para ter mais conceito entre o seu povo,
Fingiu que a ninfa Egéria, sendo noite,
Vinha falar com ele, e que, benigna,
A forma do goveno lhe inspirava.

- 15 -- O mesmo fez Sertório, que dizia
 Que nada executava, que não fosse
 Ensinado por uma branca cervã,
 Que a deusa caçadora lhe mandara.
 Mafoma, o vil Mafoma, astuto segue
- 20 -- Também este sistema: ao seu ouvido
 Acostuma a chegar-se a mansa pomba.
 A nação, ignorante, se convence
 De que este seu profeta conhecia
 Os segredos do céu, por este meio.
- 25 -- Não há, meu Doroteu, não há um chefe,
 Bem que perverso seja, que não finja,
 Pela religião, um justo zelo,
 E, quando não o faça por virtude,
 Sempre, ao menos, o mostra por sistema.

.....

EPÍSTOLA A CRITILLO

- Vejo, ó Critilo, do chileno chefe
 Tão bem pintada a história nos teus versos,
 Que não sei decidir qual seja a cópia,
 Qual seja o original. Dentro em minha alma
- 5 -- Que diversas paixões, que afetos vários
 A um tempo se suscitam! Gelo e tremo,
 Umã vez de horror, de mágoa e susto;
 Outras vezes do riso apenas posso
 Resistir aos impulsos. Igualmente
- 10 -- Me sinto vacilar entre os combates
 Da raiva e do prazer. Mas ah! que disse!
 Eu retrato a expressão, nem me subscrevo
 Ao sufrágio daquele, que assim pensa,
 Alheio da razão, que me surpreende.
- 15 -- Trata-se aqui da humanidade aflita;
 Exige a natureza os seus deveres.
 Nem da mofa ou do riso pode a idéia
 Jamais nutrir-se, enquanto aos olhos nossos
 Se propõe do teu chefe a infame história.
- 20 -- Quem me dirá que da estultice as obras
 Infestas à virtude e dirigidas
 A despertar o escândalo conseguem,
 No prudente varão, mover o riso?
 Eu vejo que um Calígula se empenha
- 25 -- Em fazer que de Roma ao Consulado

Se jure o seu cavalo por colega.

Vejo que os cidadãos e as tropas arma
O filho de Agripina, que os transporta
Em grossos vasos sobre o Tibre e logo

- 30 -- Por inimigos lhes assina os matos,
Que atacar manda com guerreiro estrondo.
Direi que me recreia esta loucura?
Que devo rir-me e sufocar o pranto
Que pula dos meus olhos? Não, Critilo,
- 35 -- Não é esta a moção que n'alma provo.
Por entre estes delírios, insensível,
Me conduz a razão, brilhante e sábia,
A gemer igualmente na desgraça
Dos míseros vassalos, que honrar devem
- 40 -- De um tirano o poder, o trono, o cetro.
Se Talia e Melpômene nos pintam,
Nos seus teatros, as paixões humanas,
Ao ridículo gesto, ou ao semblante
Da cena que o coturno me apresenta,`
- 45 -- Eu me conformo ao interesse, quando
Aborreço a maldade e quando rendo
À formosa virtude os dignos votos.
Despedace Medéia os caros filhos,
Guise Atreu de seus netos as entranhas,
- 50 -- Eu terei sempre horror às impiedades.
Jamais da irreligião, da fé mentida
Me hão de enganar os pérfidos rebuços,
Ou da fingida cena os vãos adornos.
Devo pois confessar, Critilo amado,
- 55 -- Que teus escritos, de uma idade a outra
Passarão, sempre de esplendor cingidos;
Que a humanidade, enfim desagradada
Das injúrias que sofre, por teu braço,
Os ferros soltará, que desafrouxa,
- 60 -- Tintos do fresco, gotejado sangue.

Súditos infelices, que provastes
Os estragos da bárbara desordem,
Respirai, respirai: ao benefício
Deveis do bom Critilo a paz suave,

- 65 --Que a vossa liberdade alegre goza.

Sim, Critilo, são estes os agouros
Que, lendo a tua história, ao mundo faço.
De pejo e de vergonha os bons monarcas,
Que pias intenções sempre alimentam

70 -- De reger como filhos os seus povos,
Tocados se verão. Prudentes, sábios,
Consultarão primeiro sobre a escolha
Daqueles chefes, que a remotos climas
Determinam mandar, deles fiando

- 75 -- A importante porção do seu governo;
 Prevenidos que a vã, brutal soberba
 Só nas obras influi destes monstros.
 Pelo escrutínio da virtude espero
 Que regulados os seus votos sejam.
- 80 -- De uma estéril, mortal genealogia,
 Que o mérito produz de seus maiores,
 Eles, amigo, argumentar não devem
 Propalados talentos. A virtude
 Nem sempre aos netos, por herança, desce.
- 85 -- Pode o pai ser piedoso, sábio e justo,
 Manso, afável, pacífico e prudente:
 Não se segue daí que um ímpio filho,
 Perverso, infame, díscolo e malvado,
 Não desordene de seus pais a glória.
- 90 -- Nem sempre as águias de outras águias nascem,
 Nem sempre de leões, leões se geram,
 Quantas vezes as pombas e os cordeiros
 São partos dos leões, das águias partos!

- Para reger, ó reis, os vossos povos,
 95 -- Debalde ides buscar brasões e escudos
 Entre os vossos dinastas. Roma, Roma
 As fasces, as secures, mais as outras
 Imperiais insígnias só tirava
 Da provada virtude. Se das togas
- 100 -- Distinguia uma e outra espécie, Atenas
 É! quem a todas o caráter dava.
 Igualmente civil jurisconsulto
 Que instruído guerreiro, era mandado
 Um cidadão que da província as rédeas
- 105 -- Manejasse fiel. Daqui os Fábios,
 Daqui os Cipiões e os bons Emílios,
 Os Césares daqui, que os fastos ornam.
 Que diferentes, hoje, os nossos grandes!

- É filho do marquês, do conde é filho,
 110 -- Vá das Índias reger vasto império.
 Ó Deus! e que infelices os vassallos
 Que tão longe do trono prostitui
 O vosso império aos abortivos chefes!
 Lá vai aquele, que de avara sede
- 115 -- É por gênio arrastado: que tesouros
 Não espera ajuntar! Do alheio cofre
 Se há de esgotar a aferrolhada soma.
 Desgraçada Justiça! Da igualdade
 Tu não sabes o ponto: é a balança
- 120 -- Do interesse que só por ti decide.
 Que despachos injustos, que dispensas,
 Que mercês e que postos não se compram

Ao grave peso de selada firma!

- Outro vai que, lascivo e desenvolto,
 125 -- Só da carne as paixões adora e segue.
 Honras, decoros, vós sereis despojos
 Do seu bruto apetite. Em vão, cansados
 Pais de família, zelareis vós outros
 Da vossa casa o pundonor herdado.
 130 -- Aos vis ataques do atrevido orgulho
 Não de ceder as prevenções mais fortes;
 Vítimas da voraz sensualidade
 Vossas filhas serão, vossas mulheres.
 Que direi do soberbo, do vaidoso,
 135 -- Do colérico e de outros vários monstros,
 Que freio algum não conhecendo, passam
 A sustentar no autorizado cargo
 Tudo quanto a paixão lhes dita e manda!

- Não sofre aquele, que o vassalo oculte
 140 -- Os cabedais que à sua indústria deve,
 E que a seus filhos e a seus netos possa
 Deixar, morrendo, uma opulenta herança.
 Um falso crime lhe figura, aonde
 Esgote as forças, que levar procura
 145 -- Além das frias, apagadas cinzas.
 Este medita que a nobreza ilustre
 Sufocada se veja. A prisão dura,
 O distante degredo é que promete
 Da prevista vingança o fim prescrito.
 150 -- Ó senhores! ó reis! ó grandes! quanto
 São para nós as vossas leis inúteis!
 Mandais debalde, sem julgada culpa,
 Que o vosso chefe, a arbítrio seu, não possa
 Exterminar os réus, punir os ímpios.
 155 -- É c'os ministros de menor esfera
 Que falam vossas leis. Nos chefes vossos
 Somente o despotismo impera e reina,
 Gozar da sombra do copado tronco
 É só livre ao que perto tem o abrigo
 160 -- Dos seus ramos frondosos. Se se aparta
 Da clara fonte o passageiro, prova
 Turbadas águas em maior distância.

- Mas ah! Critilo meu, que eu estou vendo,
 Que já chegam a ler as cartas tuas:
 165 -- Estes bárbaros monstros são cobertos
 De vivo pejo, ao ver os seus delitos,
 Que em tão disforme vulto hoje aparecem.

Destro pintor, em um só quadro a muitos
 Soubeste descrever. Sim, que o teu chefe

- 170 -- As maldades de todos compreende:
 Aqui vê-se o soberbo, que pensando
 Do resto dos mais homens nada serem
 Mais que humildes insetos, só de fúrias
 Nutre o vil coração, e a seus pés calca
- 175 -- A pobre humanidade. Aqui se encontra
 O ímpio, o libertino, que ultrajando
 Tudo que é sagrado, tem por timbre
 Ao público mostrar que o santo culto
 Que nos intima a religião somente
- 180 -- Aos pequenos obriga, e que por arte
 Os conserva a ilusão no fanatismo,
 Por que da obediência às leis se dobrem;
 Aqui se acha o lascivo; é o vaidoso,
 É! o estúpido, enfim é o demente
- 185 -- O que ao vivo aparece nesta empresa.

Tu, severo Catão, tu repreendes
 Com teu mudo semblante a pátria Roma.
 Nem seus teatros de lascívia cheios
 Sofrem teus olhos nobremente irados.

- 190 -- Pede o congresso, de terror ferido,
 Que o rígido censor o circo deixe
 Ou que se não produza a torpe cena.

Este, ó Critilo, o precioso efeito
 Dos teus versos será: como em espelho,

- 195 --Que as cores toma e que reflete a imagem,
 Os ímpios chefes de uma igual conduta
 A ele se verão, sendo argüidos
 Pela face brilhante da virtude,
 Que, nos defeitos de um, castiga a tantos.
- 200 -- Lições prudentes, de um discreto aviso,
 No mesmo horror do crime, que os infama,
 Teus escritos lhes dêem. Sobrada usura
 É este o prêmio das fadigas tuas.

Eles dirão, voltando-se a Critilo:

- 205 -- Quanto devemos, ó censor fecundo,
 Ao castigado metro, com que afeias
 Nossos delitos, e buscar nos fazes
 Da cândida virtude a sã doutrina!

FIM

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro